UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

JENNIFER KELLY MELLO DA SILVA

Entre a Crise de Representação e a Ascensão de Novas Lideranças Políticas: Análise Comparada entre Brasil e o Chile

BRASÍLIA/DF
2024

Entre a Crise de Representação e a Ascensão de Novas Lideranças Políticas: Análise Comparada entre Brasil e o Chile

Monografia apresentada como pré-requisito para a obtenção do título de bacharel em Ciência Política pela Universidade de Brasília.

Orientador: Joscimar Silva

BRASÍLIA/DF
2024

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço aos professores e ao Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília (UnB). O ensino, a dedicação e o compromisso dos docentes enriqueceram minha experiência acadêmica e contribuíram significativamente para o meu crescimento intelectual.

Em especial, gostaria de agradecer ao Professor Joscimar Silva, cuja orientação e o apoio foram cruciais para a conclusão desta monografia. A todos os colegas, amigos e familiares que estiveram ao meu lado ao longo desta trajetória, meu muito obrigada, pois fizeram parte de uma das trajetórias mais importantes da minha jornada.

BRASÍLIA/DF
2024

Sumário

Introdução 7
Insatisfação com a Democracia e o Poder das Redes Sociais 8
Protestos, política e a nova constituição do chile 9
O Impeachment de Dilma e a Ascensão de Bolsonaro: A Crise Política Brasileira 11
Tendências de Preocupação: O Que Realmente Importa para os Cidadãos (2018 - 2023) 13
Comparação e Insights 18
Satisfação com a Economia 20
Análise comparada BR x CH 22
Confiança no Congresso Nacional 24
Confiança nas Instituições Eleitorais 27
Confiança nos Partidos Políticos 29
Percepção sobre o Funcionamento dos Partidos Políticos 31
Paradoxos Digitais: A Dualidade entre Uso e Confiança nas Redes Sociais 33
Da Crise à Mobilização: O Impacto das Redes Sociais nas Lideranças Emergentes 40
Carla Zambelli: Da Militância ao Congresso 41
A análise dos tweets de Carla Zambelli 43
De Vídeos no YouTube ao Congresso Nacional: A Trajetória de Kim Kataguiri 45
A análise dos dados do Twitter de Kim Kataguiri 46
O Impacto de Tia Pikachu nas Manifestações e na Política Chilena 48
Análise do Twitter Tia Pikachu 50
Dr. Lagomarsino: de um Líder Estudantil À Parlamentar 52
Análise do Twitter Lagomarsino 53
Considerações Finais 54
Referências: 57

BRASÍLIA/DF
2024

METODOLOGIA

Para fundamentar a análise, foram utilizados dados de pesquisas de opinião pública do Latinobarómetro que forneceram uma visão abrangente das percepções dos cidadãos sobre questões como confiança nas instituições, economia, corrupção e segurança. Esses dados foram apresentados através de gráficos, que ilustraram as principais preocupações da população durante o período analisado. A monografia também explorou como essas percepções influenciaram o cenário político e contribuíram para a emergência de novas lideranças digitais.

A metodologia utilizada na monografia baseou-se em uma análise qualitativa e quantitativa de dados sobre a crise de representação política no Brasil e no Chile entre 2018 e 2023. A pesquisa investigou como a insatisfação com as instituições e lideranças tradicionais, exacerbada por corrupção, crises econômicas e ineficiência governamental, afetou a confiança da população nas democracias de ambos os países.

Adicionalmente, a metodologia incluiu uma análise das atividades no Twitter dos deputados Kim Kataguiri e Carla Zambelli no Brasil e Dr. Lagomarsino e a ativista Tia Pikachu no Chile. Os dados sobre o uso do Twitter por esses parlamentares foram extraídos da ferramenta Twitonomy, que permitiu avaliar padrões de engajamento, horários de maior atividade e os temas mais populares entre seus seguidores. A análise dessas atividades digitais demonstrou como essas lideranças utilizaram as redes sociais para capitalizar o descontentamento popular e consolidar suas presenças políticas, explorando a comunicação direta com o público e a mobilização online.

A monografia buscou não apenas entender as razões por trás da crise de representação, mas também investigar como as redes sociais, particularmente o Twitter, serviram como plataforma para a articulação política de novas lideranças que desafiam o status quo. Dessa forma, a metodologia empregada combinou a análise de dados quantitativos de pesquisas de opinião com uma abordagem qualitativa focada nas estratégias de comunicação digital das novas lideranças políticas emergentes, proporcionando uma compreensão integrada dos fatores que moldaram a crise de representação política nos dois países.

RESUMO

Esta monografia examina a crise de representação política no Brasil e no Chile entre 2018 e 2023, destacando como a insatisfação com instituições e lideranças tradicionais impactou a confiança nas democracias. O estudo investiga a ascensão de lideranças digitais que usaram redes sociais para engajar o público, utilizando dados do Latinobarómetro para mapear percepções sobre economia, corrupção e segurança. Além disso, a análise das atividades no Twitter de parlamentares como Carla Zambelli e Dr. Lagomarsino revela como essas figuras digitais fortaleceram sua presença política ao capitalizar o descontentamento popular.

Palavras chaves: Crise de representação; Lideranças digitais e Redes Sociais.

ABSTRACT

This monograph examines the political representation crisis in Brazil and Chile between 2018 and 2023, highlighting how dissatisfaction with institutions and traditional leadership impacted public trust in democracies. The study explores the rise of digital leaders who used social media to engage the public, drawing on Latinobarómetro data to map perceptions on issues like the economy, corruption, and security. Additionally, the analysis of Twitter activities by parliamentarians such as Carla Zambelli and Dr. Lagomarsino reveals how these digital figures strengthened their political presence by capitalizing on popular discontent.

Keywords: Representation Crisis; Digital Leadership; Social Networks

INTRODUÇÃO

A metodologia utilizada na monografia baseou-se em uma análise qualitativa e quantitativa de dados sobre a crise de representação política no Brasil e no Chile entre 2018 e 2023, investigando como a insatisfação com as instituições e lideranças tradicionais, exacerbada por corrupção, crises econômicas e ineficiência governamental, afetou a confiança da população nas democracias desses países. O objetivo central da pesquisa foi analisar essa crise, buscando compreender como ela impactou a confiança nas instituições democráticas e facilitou o surgimento de novas lideranças políticas digitais.

Para responder a essas questões, foram levantadas perguntas norteadoras: de que maneira a insatisfação com a democracia e os escândalos de corrupção moldaram o cenário político? Como as redes sociais, em particular o Twitter, têm sido utilizadas por figuras políticas emergentes para mobilizar e engajar o público em um contexto de descrédito nas instituições tradicionais? Quais as semelhanças e diferenças nas percepções da população brasileira e chilena em relação à política e à economia nesse período?

Além disso, a metodologia incluiu uma análise das atividades no Twitter de parlamentares e ativistas, como os deputados Kim Kataguiri e Carla Zambelli no Brasil, e o Dr. Lagomarsino e a ativista Tia Pikachu no Chile. Os dados sobre o uso do Twitter por esses líderes foram extraídos da ferramenta Twitonomy, permitindo avaliar padrões de engajamento, horários de maior atividade e os temas mais populares entre seus seguidores. A análise dessas atividades digitais demonstrou como essas lideranças utilizaram as redes sociais para capitalizar o descontentamento popular, consolidando suas presenças políticas por meio de comunicação direta e mobilização online.

O estudo também se aprofundou nas percepções públicas baseadas nos dados do Latinobarómetro, que fornecem uma visão abrangente sobre confiança nas instituições, economia, corrupção e segurança. Esses dados foram fundamentais para entender como o descontentamento social foi amplificado pelas mídias digitais e gerou novas formas de mobilização política.

Por fim, a pesquisa conclui que, embora as redes sociais tenham se tornado uma ferramenta central para o surgimento de novas lideranças, a solução para a crise de representação exige reformas estruturais e a restauração da confiança nas instituições democráticas, sob o risco de intensificar ainda mais o descrédito popular.

INSATISFAÇÃO COM A DEMOCRACIA E O PODER DAS REDES SOCIAIS

O público estabelece uma relação com as estruturas políticas com base na confiança. No entanto, quando surgem casos de corrupção, escândalos políticos, baixo desempenho governamental, crises econômicas e outras dificuldades, isso leva a um aumento da insatisfação com a democracia, como destacado por Silva (2022). Essa insatisfação provoca sentimentos antipolíticos e desconfiança em relação aos governantes, partidos políticos e às informações políticas divulgadas. Por exemplo, em 2018, Brasil, México e Peru tinham índices de insatisfação com a democracia acima de 80% (SILVA, p.7, 2022), enquanto o Brasil teve índices menores que 50% apenas em 2009 e 2010 (SILVA, p.7, 2022).

Como Telles (2016) explora em "A Crise Política na Ausência de Política", alguns consideram que a democracia não é essencial e sua preservação não é prioritária, podendo ser substituída por outros sistemas de governo, inclusive por intervenções militares.

A crise de representação intensifica esses sentimentos antipolíticos, com as pessoas se sentindo cada vez menos representadas por suas lideranças (SILVA, 2022). Nesse contexto, as mídias sociais digitais ganham destaque, substituindo outros meios tradicionais, como TV, rádio e jornais impressos, como principais ferramentas de comunicação política.

A baixa confiança nos partidos políticos reflete essa crise de representação. Insatisfeitos com a política institucional, os cidadãos frequentemente apoiam candidatos que prometem romper com o sistema, mesmo que esses líderes utilizem discursos populistas e soluções simplistas para problemas complexos. Isso demonstra um descontentamento geral com a democracia representativa e com as instituições que são vistas como ilegítimas ou ineficazes.

As redes sociais permitem que políticos alcancem seu público de forma mais abrangente e rápida, e muitos parlamentares têm adotado essas plataformas tanto para campanhas oficiais quanto extraoficiais. A população também usa as redes sociais para acompanhar a situação política e expressar suas insatisfações e indignações, conectando-se com outros que compartilham suas opiniões.

Essas redes sociais oferecem um espaço de autonomia além do controle governamental e corporativo, permitindo que indivíduos compartilhem suas preocupações e formem redes de apoio, apesar de suas opiniões pessoais ou filiações. Castells (2022) destaca como esses espaços de livre expressão têm sido fundamentais para a formação de projetos e movimentos coletivos.

Ademais, Silva (2022) revela que, em 2019, 70% da população brasileira estava conectada à internet, o que totaliza cerca de 149.100.000 usuários. Essa conectividade e a comunicação política digital foram notáveis em momentos de grande agitação, como as manifestações de 2013, os protestos relacionados ao impeachment de Dilma Rousseff em 2016 e as manifestações antipolítica que surgiram durante o governo de Jair Bolsonaro, entre outros eventos.

Dessa forma, a quebra da confiança nas instituições políticas gera uma crise de representação, levando a uma aversão crescente à política e aos cargos públicos. Esse cenário também cria oportunidades para novas lideranças que se apresentam como alternativas ao sistema atual, utilizando mídias sociais para se conectar com eleitores insatisfeitos e prometer mudanças.

A análise das preocupações da população brasileira e chilena entre 2018 e 2023 demonstra como a crise de representação e a desconfiança no sistema político são moldadas por fatores econômicos e políticos. A corrupção, problemas econômicos e a gestão da pandemia têm impacto direto nas decisões dos eleitores, levando-os a buscar alternativas fora do sistema político tradicional. Esse sentimento é corroborado pela percepção de que as instituições não estão resolvendo questões fundamentais, o que aumenta a busca por novas lideranças. No Brasil e no Chile, o descontentamento popular, impulsionado por questões econômicas e sociais, resulta na busca por mudanças radicais e transformações políticas profundas, evidenciando a insatisfação com o status quo.

PROTESTOS, POLÍTICA E A NOVA CONSTITUIÇÃO DO CHILE

O ano de 2019 foi um dos mais turbulentos para os chilenos, pois foi quando o Chile vivenciou uma série de protestos civis. Esses protestos, que começaram em Santiago como uma reação ao aumento das tarifas do metrô, rapidamente se expandiram para uma manifestação mais ampla contra o alto custo de vida, pensões baixas e uma rejeição geral à classe política e às instituições. A situação escalou em 18 de outubro de 2019, quando o presidente Sebastián Piñera declarou estado de emergência e autorizou o uso de forças militares para controlar a situação. As manifestações, que resultaram em mais de 35 mortos e milhares de feridos, foram as mais graves desde o fim da ditadura de Pinochet. Elas também destacaram questões de direitos humanos, com abusos documentados por organizações como Anistia Internacional e Human Rights Watch.

Esses eventos revelaram a profunda desigualdade socioeconômica no Chile, um país que, apesar de ser uma das economias mais prósperas da América Latina, continua a enfrentar disparidades significativas. Segundo o Banco Mundial, o Chile é o 13º país mais desigual da América Latina e o segundo mais desigual entre os membros da OCDE. A desigualdade de renda se traduz em desigualdade social, refletida em diferenças educacionais e segregação residencial, e foi uma das principais motivações dos protestos de 2019.

O alto custo de vida também contribui para o descontentamento. O Chile é um dos países mais caros do mundo, e a proporção entre o PIB corrigido por Paridade do Poder de Compra e o PIB nominal coloca o país como o 61º mais caro globalmente. A educação e a saúde privada são geralmente preferidas por aqueles que podem pagar, enquanto a abertura ao crédito e o endividamento elevado das famílias chilenas aumentam o custo de vida e a vulnerabilidade econômica. Em 2018, a dívida das famílias alcançou um máximo histórico de 73% da renda disponível, e em 2019, cerca de 34% da população maior de 18 anos estava inadimplente.

O preço do transporte público na Grande Santiago, ajustado mensalmente com base em várias variáveis econômicas, contribui para o alto custo de vida e gerou críticas após um aumento em 1º de outubro de 2019. O impacto econômico foi evidente quando, em 11 de novembro de 2019, o valor do peso chileno despencou nos mercados internacionais.

A crise de confiança nas instituições políticas e a desconexão entre protesto e voto têm sido evidentes nas últimas décadas. O aumento dos protestos sociais e a diminuição da participação eleitoral refletem uma crise de apoio à classe política. O surto social de 2019 revelou um descontentamento crescente com o sistema político tradicional, uma tendência rara em democracias contemporâneas, e uma desconexão entre a participação eleitoral e a não eleitoral.

A eleição de Gabriel Boric em 2021 marcou uma mudança significativa, sendo ele o primeiro presidente eleito fora das duas coalizões dominantes desde a transição democrática. A eleição trouxe esperança para superar a política elitista e restabelecer a conexão entre instituições e sociedade, com a nova Constituição vista como uma oportunidade para isso.

Nos últimos anos, o Chile passou por um intenso processo de transformação constitucional, impulsionado por demandas sociais e políticas. Em 2021, uma Convenção Constitucional, composta por 155 membros eleitos popularmente, foi encarregada de redigir uma nova constituição, com o objetivo de substituir a antiga, que datava da era Pinochet. No entanto, a proposta resultante foi rejeitada por 62% dos votos em 2022, evidenciando a desconexão entre os líderes políticos, os movimentos sociais e a cidadania.

Em 2023, um novo processo constituinte foi iniciado, com um Conselho Constitucional de 50 membros eleitos diretamente e uma Comissão de Especialistas com 24 membros indicados pelo Congresso, visando maior simplificação e equilíbrio no texto. A nova Constituição foi finalmente aprovada, focando em direitos sociais, proteção ambiental, participação cidadã e descentralização do poder. Embora enfrente desafios e críticas, o governo de Gabriel Boric agora trabalha para implementar essas mudanças e atender às expectativas da sociedade chilena.

Assim sendo, o conhecido como "estallido social", esses protestos, iniciados por estudantes do ensino médio que se opuseram ao aumento das tarifas de metrô, evoluíram para manifestações mais amplas contra a desigualdade social e o governo. As manifestações revelaram um descontentamento profundo com o sistema político e econômico chileno, destacando a persistente frustração com o alto custo de vida e a desigualdade.

O IMPEACHMENT DE DILMA E A ASCENSÃO DE BOLSONARO: A CRISE POLÍTICA BRASILEIRA

Nas últimas décadas, o Brasil experimentou avanços sociais significativos, o que elevou as demandas por políticas públicas de maior qualidade. Esse crescimento de expectativas também veio acompanhado de um aumento na desconfiança em relação às instituições políticas, impondo desafios adicionais aos partidos. A crise democrática que atravessa a América Latina ressalta a importância de discutir o futuro da democracia, da participação política e das reformas necessárias. Esse contexto foi o pano de fundo para a turbulência política que culminou com o impeachment de Dilma Rousseff em 2016.

Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, presidiu o Brasil de 2011 até agosto de 2016. Reeleita em 2014, seu segundo mandato foi interrompido após um processo de impeachment, iniciado em abril de 2016 e concluído em agosto. Apesar de perder o cargo, Rousseff manteve seus direitos políticos, uma decisão controversa, pois o artigo 52 da Constituição Federal prevê a perda de direitos políticos junto com o mandato. Durante 2015, a Câmara dos Deputados recebeu 50 pedidos de impeachment contra Dilma, dos quais 39 foram arquivados por falta de provas. As acusações que prosperaram concentraram-se em violações da Lei de Diretrizes Orçamentárias, da Lei de Responsabilidade Fiscal e em práticas de corrupção, ligadas à Operação Lava Jato e denunciadas por Delcídio do Amaral.

A mobilização popular, intensificada pelas manifestações de março de 2015, organizadas por grupos como o Movimento Brasil Livre e o Vem Pra Rua, foi decisiva para a aceitação do processo de impeachment. Essas organizações, com líderes como Carla Zambelli e Kim Kataguiri, formalizaram o apoio ao afastamento de Dilma. No dia 17 de abril de 2016, a Câmara aprovou o processo com 367 votos a favor. O Senado aceitou o impeachment em maio e, enquanto a Comissão Especial finalizava seus trabalhos, Michel Temer, então vice-presidente, assumiu interinamente a presidência.

As principais acusações eram a abertura de créditos sem autorização do Congresso e as "pedaladas fiscais", operações de crédito com bancos controlados pela União. No fim de agosto, o Senado, sob a presidência de Ricardo Lewandowski, concluiu o julgamento de Dilma. No entanto, antes da votação final, o senador Vicentinho Alves propôs que a decisão fosse dividida: uma sobre a perda do cargo e outra sobre a manutenção dos direitos políticos, o que foi aceito. Assim, Dilma foi removida do cargo, mas manteve seus direitos políticos, decisão que gerou controvérsia.

Com a destituição de Dilma e a ascensão de Michel Temer, o cenário político brasileiro passou a ser liderado por uma figura emergente da direita, Jair Bolsonaro. A prisão de Lula, em 2018, abriu caminho para a vitória de Bolsonaro, que derrotou Fernando Haddad com 55,3% dos votos. Bolsonaro assumiu em 1º de janeiro de 2019, prometendo reduzir o tamanho do Estado e nomear um gabinete técnico. A pandemia de COVID-19, que atingiu o Brasil em 2020, dominou seu mandato. A gestão da crise sanitária foi alvo de fortes críticas, principalmente pela postura de Bolsonaro, que minimizou a gravidade do vírus e rejeitou medidas de controle como o uso de máscaras e o isolamento social. Esses posicionamentos, segundo especialistas, contribuíram para o alto número de mortes no Brasil.

No fim de seu governo, Bolsonaro enfrentou processos judiciais que o tornaram inelegível até 2030, encerrando seu mandato em meio a uma polarização política crescente. Esse clima de divisão culminou nos ataques de 8 de janeiro de 2023, quando apoiadores de Bolsonaro, insatisfeitos com sua derrota eleitoral para Luiz Inácio Lula da Silva, invadiram e vandalizaram os prédios do Congresso, do Supremo Tribunal Federal e do Palácio do Planalto. Pedindo intervenção militar e a anulação das eleições, os manifestantes destruíram obras de arte, mobiliário e documentos históricos. A resposta das forças de segurança foi inicialmente lenta, o que levantou suspeitas de conivência com os invasores.

Após o controle ser restabelecido, centenas de pessoas foram presas, e as investigações levaram à detenção de organizadores e financiadores dos atos, resultando em julgamentos rápidos e condenações severas, com penas de até 15 anos de prisão para alguns dos envolvidos, sob a acusação de tentativa de golpe de Estado. Esses eventos reforçaram a importância de se repensar a solidez das instituições democráticas brasileiras frente a crises políticas e sociais.

TENDÊNCIAS DE PREOCUPAÇÃO: O QUE REALMENTE IMPORTA PARA OS CIDADÃOS (2018 - 2023)

Esta análise comparativa sobre os principais problemas no Brasil e no Chile baseia-se nos dados da pesquisa Latinobarómetro, que abrange o período de 2004 a 2023, porém foi considerado apenas os anos de 2018 a 2023, período proposto no estudo em questão. O objetivo é identificar semelhanças e diferenças nas preocupações mais relevantes em ambos os países e entender como fatores econômicos, sociais e políticos moldam essas prioridades. A pesquisa investiga a percepção dos cidadãos sobre o "Problema mais importante no país", fornecendo uma visão abrangente das inquietações da população ao longo do tempo. Para focar nas tendências mais recentes e significativas, foram destacadas apenas as 10 categorias mais relevantes identificadas nos últimos anos.

No Brasil, as preocupações incluem problemas de saúde, desemprego, corrupção, educação, economia, política, segurança pública, pobreza e injustiça social, enquanto no Chile, destacam-se segurança pública, desemprego, injustiça social, problemas econômicos, inflação, saúde, corrupção, educação e pobreza. A comparação dessas categorias oferece uma visão detalhada das dinâmicas que influenciam as percepções públicas e os desafios enfrentados por cada nação.

Através desta análise, buscamos compreender melhor as preocupações emergentes e as tendências que moldam as prioridades nacionais em cada país, fornecendo uma perspectiva aprofundada sobre os fatores que afetam a percepção pública e os principais desafios enfrentados pelo Brasil e pelo Chile.

No Brasil as principais adversidades são: 1º Problemas de Saúde. Estes são consistentemente mencionados como uma das maiores preocupações da população. Em 2018, 20,7% dos entrevistados citaram a saúde como o principal problema, aumentando significativamente para

27% em 2020, o que pode estar relacionado ao impacto da pandemia de COVID-19. Em 2023, houve uma queda para 18,4%, mas ainda assim, permaneceu como uma das principais preocupações. A pandemia claramente influenciou o pico de preocupação em 2020, mas a saúde continua sendo uma questão central, possivelmente refletindo problemas crônicos no sistema de saúde público.

2º Desemprego/Desocupação: o desemprego foi uma das principais preocupações ao longo dos anos, com 12,6% em 2018, uma leve diminuição para 11% em 2020, e um aumento para 13,1% em 2023. Esses números indicam uma preocupação constante com a falta de emprego, possivelmente agravada por crises econômicas e políticas instáveis. A variação sugere que, mesmo com possíveis melhorias econômicas entre 2018 e 2020, o desemprego voltou a ser uma questão crítica em 2023, talvez como resultado de impactos econômicos prolongados da pandemia.

3ª Corrupção: A corrupção foi uma preocupação dominante em 2018, com 15,8%, mas viu uma queda acentuada para 6,1% em 2020 e 4,5% em 2023. Essa diminuição pode indicar uma menor percepção de corrupção ou um desvio de atenção para outros problemas mais imediatos, como a pandemia. A queda na preocupação com a corrupção pode refletir mudanças na agenda pública ou uma maior aceitação de outros problemas como prioritários.

4º Problemas de Educação: a educação foi um problema destacado em todos os anos, com 8,6% em 2018, 7,6% em 2020 e um aumento para 10,5% em 2023. O aumento em 2023 pode ser uma resposta aos desafios educacionais exacerbados pela pandemia, como a falta de acesso à educação durante longos períodos de quarentena. A crescente preocupação com a educação em 2023 sugere um reconhecimento dos impactos a longo prazo da pandemia no sistema educacional, bem como uma possível deterioração das condições educacionais.

5º Economia/Problemas Econômicos/Financeiros: problemas econômicos e financeiros cresceram como uma preocupação, de 4,9% em 2018 para 7,2% em 2023. Isso reflete um agravamento das condições econômicas e a percepção de que problemas econômicos gerais estão afetando a vida cotidiana. O aumento da preocupação com a economia pode estar ligado ao impacto prolongado da pandemia, inflação, e crises econômicas globais que afetam o Brasil.

6º Situação Política/Problemas de Política: Problemas políticos foram mencionados por 11% dos entrevistados em 2018, diminuindo levemente para 10,5% em 2023, após um pico em 2020. Esses dados sugerem que a população permanece preocupada com a instabilidade e os problemas políticos, que podem estar relacionados a escândalos, divisões políticas, e mudanças de governo. A preocupação política parece ter se estabilizado, com uma leve queda após 2020, possivelmente devido a uma adaptação a crises políticas contínuas ou a uma priorização de problemas mais urgentes, como a economia e saúde.

7. Segurança Pública: Segurança pública foi um tema de grande preocupação, com 5,1% em 2018 e 6,2% em 2023, apesar de uma diminuição em 2020 (3%). O aumento em 2023 pode estar relacionado a uma percepção de aumento na criminalidade ou falta de efetividade nas políticas de segurança. A crescente preocupação com a segurança pública sugere que questões de violência e criminalidade continuam sendo uma ameaça significativa à população.

8. Pandemia/Coronavirus/COVID-19: Este problema foi particularmente relevante em 2020, com 5,8% das menções, refletindo o impacto direto e devastador da pandemia. Não aparece em 2018 e 2023, indicando que, com o tempo, a pandemia foi superada como uma preocupação principal, possivelmente devido à vacinação e controle da doença. A ausência da pandemia como uma preocupação em 2023 sugere que o Brasil pode ter entrado em uma fase de "normalização" pós-pandemia, onde as preocupações se voltaram para outros problemas.

9. Pobreza: a pobreza foi uma preocupação moderada, com 0,6% em 2018, aumentando para 2,1% em 2020 e depois diminuindo ligeiramente para 1,8% em 2023. Isso pode indicar um reconhecimento crescente da pobreza, possivelmente exacerbada pelas crises econômicas. A pobreza, embora não a principal preocupação, continua a ser um tema relevante, refletindo as dificuldades econômicas e sociais.

10. Má Distribuição do Ingresso/Injustiça Social: Esse problema foi mencionado por 1,1% em 2018, aumentando para 3,8% em 2020 e ligeiramente diminuindo para 3,5% em 2023. Isso mostra uma preocupação crescente com a desigualdade social, provavelmente agravada pela pandemia e suas consequências econômicas. A desigualdade social permanece uma preocupação significativa, possivelmente em resposta ao aumento das disparidades econômicas.

Categoria	Total	2018	2020	2023
Brasil				
Problemas de saúde	20,70%	27,00%	18,40%	-
Desemprego/desocupação	12,60%	11,00%	13,10%	-
Corrupção	15,80%	6,10%	4,50%	-
Problemas de educação	8,60%	7,60%	10,50%	-
Economia	4,90%	-	-	7,20%
Situação política/problemas políticos	11,00%	-	-	10,50%
Segurança pública	5,10%	3,00%	6,20%	-
Pobreza	0,60%	2,10%	-	1,80%
Injustiça social	1,10%	3,80%	3,50%	-
Pandemia/Coronavirus/COVID-19	-	5,80%	-	-

Tabela 1: Os 10 Principais Problemas

Fonte: Latino Barómetro

No Chile as principais adversidades são: 1º Segurança Pública. A preocupação com a segurança pública foi a mais destacada, apresentando percentuais elevados, especialmente em 2018 (23,7%) e 2020 (39,7%). Em 2023, a preocupação ainda se manteve significativa (30,9%). A alta preocupação com a segurança pública pode refletir uma percepção de aumento na criminalidade ou uma resposta a eventos específicos de violência. A variação ao longo dos anos indica que, apesar de esforços para melhorar a segurança, a população ainda vê a violência e a criminalidade como problemas persistentes.

2º Desemprego/Desocupação: A desocupação e o desemprego foram destacados como grandes preocupações em 2018 (13,9%) e 2020 (9,7%). No entanto, em 2023, houve uma queda acentuada para 3,9%. Essa mudança pode ser atribuída a variações econômicas e políticas, como o impacto da pandemia e as subsequentes medidas de recuperação econômica. A diminuição em 2023 sugere uma possível melhora no mercado de trabalho ou uma mudança na percepção da gravidade do problema.

3º Má Distribuição do Rendimento/Injustiça Social: a injustiça social e a má distribuição do rendimento foram preocupações significativas, especialmente em 2020 (10,3%) e 2023 (9,1%). Isso pode refletir uma crescente insatisfação com as desigualdades econômicas e sociais exacerbadas por crises econômicas e políticas. A persistência desse problema sugere que as desigualdades continuam a ser uma preocupação central para a população.

4º Problemas Econômicos/Financeiros: os problemas econômicos e financeiros ganharam relevância, especialmente em 2023 (8,0%), após uma queda em 2020 (2,1%). Isso pode estar relacionado a uma recuperação econômica lenta ou a novos desafios financeiros enfrentados pela população. A alta porcentagem em 2023 indica uma crescente percepção de que questões econômicas são uma preocupação principal.

5º Inflação/Aumento de Preços: A inflação e o aumento de preços foram mais relevantes em 2023 (10,9%), após baixos percentuais em anos anteriores. Isso reflete uma preocupação crescente com o custo de vida e a perda do poder aquisitivo, exacerbada por fatores econômicos globais e locais.

6º Problemas de Saúde: As preocupações com problemas de saúde foram notáveis em 2020 (8,3%) e diminuíram para 4,2% em 2023. O pico em 2020 pode estar relacionado ao impacto da pandemia de COVID-19, enquanto a queda subsequente pode indicar uma relativa normalização, embora a saúde ainda seja uma preocupação relevante.

7º Corrupção: a corrupção foi uma preocupação significativa em 2018 (3,1%) e caiu para 2,2% em 2023. A diminuição pode refletir uma mudança na percepção pública ou uma maior prioridade dada a outros problemas mais urgentes. No entanto, a corrupção ainda permanece como uma preocupação persistente.

8º Problemas de Educação: a educação foi uma preocupação relativamente constante, com percentuais de 8,2% em 2018 e 5,4% em 2020, diminuindo para 3,1% em 2023. A queda em 2023 pode refletir uma mudança nas prioridades ou uma percepção de que os problemas educacionais estão sendo parcialmente resolvidos.

9º Pobreza: a pobreza teve um aumento significativo em 2020 (3,5%) e 2023 (4,2%), após uma menor preocupação em 2018 (5,3%). O aumento contínuo sugere uma crescente consciência sobre as dificuldades econômicas enfrentadas por parte da população.

10º Violência/Grupos Armados: As preocupações com violência e grupos armados, incluindo narcotráfico e violência de gangues, foram notáveis em anos específicos. Embora não estejam no topo das preocupações em 2023, continuam a ser questões importantes, refletindo uma percepção persistente de ameaças à segurança e ordem pública.

Categoria	Total	2018	2020	2023
Chile				
Delincuencia/seguridad pública	23,70%	39,70%	12,70%	30,90%
Desocupación/desempleo	13,90%	9,70%	13,90%	3,90%
Mala Distribución del ingreso, injusticia social	5,30%	3,10%	10,30%	9,10%
La economía/problemas económicos/financieros	4,10%	2,10%	3,60%	8,00%
Inflación/aumento de precios	3,10%	0,80%	0,30%	10,90%
Problemas de salud	6,70%	5,40%	8,30%	4,20%
Pobreza	5,30%	1,40%	3,50%	4,20%
Problemas de educación	8,20%	5,10%	5,40%	3,10%
Corrupción	3,10%	5,30%	4,60%	2,20%
Violencia/pandillas	0,40%	-	0,30%	1,00%

Tabela 2: Os 10 Principais Problemas

Fonte: Latino Barómetro

Comparação e Insights

Tanto no Brasil quanto no Chile, a segurança pública foi uma preocupação significativa, refletindo uma percepção de aumento na criminalidade e uma necessidade contínua de políticas eficazes de segurança. No Brasil, essa preocupação teve um aumento recente, enquanto no Chile, a segurança foi uma preocupação persistente, especialmente em 2018 e 2020. O desemprego foi uma preocupação constante no Brasil, com um aumento em 2023, enquanto no Chile, houve uma redução significativa em 2023. Isso pode refletir diferenças nas condições econômicas e nas respostas políticas aos desafios do mercado de trabalho em cada país.

A corrupção foi uma preocupação significativa em 2018 em ambos os países, mas a atenção a esse problema diminuiu com o tempo, possivelmente em resposta a novas prioridades ou mudanças na percepção pública. Já a preocupação com problemas econômicos e financeiros cresceu em ambos os países, especialmente após 2020. No Brasil, a preocupação foi mais consistente, enquanto no Chile, a inflação e o aumento de preços ganharam destaque mais recentemente.

A saúde foi uma preocupação dominante em 2020 em ambos os países devido à pandemia, mas mostrou uma diminuição em 2023, refletindo uma normalização após o pico da crise sanitária. No Brasil, a educação e a pobreza foram preocupações moderadas, enquanto no Chile, a

educação foi uma preocupação relativamente constante e a pobreza aumentou, indicando variações nas prioridades e nas percepções sobre a eficácia das políticas públicas.

No Brasil, as preocupações com a saúde, desemprego, corrupção e problemas econômicos emergem como temas centrais. A pandemia de COVID-19 teve um impacto profundo na percepção pública, elevando a saúde a uma preocupação premente em 2020, e também exacerbando desafios educacionais e econômicos. Apesar da diminuição da preocupação com a pandemia em 2023, o impacto prolongado na economia e no mercado de trabalho continua a ser uma questão central. A persistência de preocupações como o desemprego e a corrupção indica que o Brasil enfrenta desafios estruturais significativos que vão além das crises imediatas, sublinhando a necessidade de soluções a longo prazo. Além disso, o aumento das preocupações com a desigualdade social e a segurança pública sugere uma crescente percepção de que disparidades econômicas e violência são temas urgentes que demandam atenção contínua. A evolução das preocupações ao longo do tempo ilustra como a população ajusta suas prioridades em resposta a eventos e circunstâncias, e destaca áreas que necessitam de políticas eficazes para melhorar a qualidade de vida e promover a coesão social.

No Chile, a segurança pública tem sido uma preocupação dominante, especialmente durante 2018 e 2020, refletindo uma percepção persistente de violência e criminalidade. A preocupação com a má distribuição de rendimento e a injustiça social também se destacou, especialmente em anos de crise econômica, evidenciando uma crescente insatisfação com as desigualdades sociais. A inflação e os problemas econômicos ganharam relevância em 2023, indicando um impacto significativo das dificuldades econômicas recentes sobre a vida cotidiana da população. Embora a preocupação com a corrupção e a educação tenha diminuído, essas questões ainda permanecem relevantes, sugerindo uma mudança nas prioridades para questões mais imediatas e visíveis. A variação nas preocupações com o desemprego, que caiu significativamente em 2023, pode refletir uma melhora no mercado de trabalho ou uma mudança na percepção da gravidade do problema. A análise dos dados demonstra como as prioridades da população chilena são moldadas por uma combinação de fatores internos e externos, e oferece uma visão valiosa sobre como o Chile enfrenta desafios complexos e como esses desafios influenciam a percepção geral da situação do país.

Em ambos os países, a evolução das preocupações ao longo dos anos destaca a complexidade das questões enfrentadas e a influência de fatores globais e locais. A análise revela como as

prioridades e percepções são ajustadas com base em eventos atuais e mudanças nas condições econômicas e políticas.

SATISFAÇÃO COM A ECONOMIA

A insatisfação com a economia desempenha um papel crucial na crise de representação política. Quando a população enfrenta problemas econômicos persistentes, como inflação, desemprego e queda no poder de compra, sua confiança no sistema político se deteriora. Esse sentimento de frustração fomenta ainda mais a desconfiança nos governantes e nas instituições,

O levantamento do Latinobarómetro sobre a percepção da população chilena em relação à economia reflete uma insatisfação crescente com a situação econômica do país entre 2018 e 2023. Em 2018, cerca de 30% da população estava satisfeita com o funcionamento da economia, mas essa satisfação caiu drasticamente nos anos seguintes. Em 2020, apenas 11% dos chilenos expressavam alguma satisfação, com um aumento significativo na insatisfação profunda (40,5%), refletindo o impacto de crises econômicas e sociais, como os protestos de 2019 e a pandemia de COVID-19.

Em 2023, a insatisfação leve ("No muy satisfecho") atingiu 51,8%, a maior nos três anos analisados, enquanto a “no muy satisfecho” reduziu para 34,4%. No entanto, a satisfação permaneceu muito baixa, com apenas 13% dos entrevistados expressando algum grau de contentamento. Esses dados indicam que, embora possa haver sinais de melhoria em comparação a 2020, a percepção geral da população chilena sobre a economia em 2023 ainda é predominantemente negativa.

Chile ¿Y con el funcionamiento de la economía?				
Categoría	Total	2018	2020	2023
Muy satisfecho	2.7%	1.6%	0.4%	0.2%
Más bien satisfecho	24.9%	28.3%	10.6%	12.8%
No muy satisfecho	47.2%	45.7%	46.0%	51.8%

Nada satisfecho	20.8%	20.7%	40.5%	34.4%
No sabe	3.5%	1.8%	2.3%	0.8%
No responde	0.9%	1.9%	0.3%	-
(N)	20,397 (100%)	1,200 (100%)	1,200 (100%)	1,200 (100%)

Tabela 3: Funcionamento da economia Chile

Fonte: Latino Barómetro 2018 - 2023

No Brasil, entre 2018 e 2023, a percepção dos brasileiros sobre a economia mostrou uma persistente insatisfação, com poucas variações significativas. Em 2018, mais da metade dos entrevistados (52,9%) estavam "Nada satisfecho" com a economia, enquanto apenas 5,4% expressaram algum grau de satisfação. Em 2020, houve uma leve melhoria na satisfação, que chegou a 13,3%, mas a insatisfação ainda era predominante, com 48,3% "No muy satisfecho" e 36,0% "Nada satisfecho".

Em 2023, a insatisfação maior diminuiu um pouco, mas a insatisfação geral permaneceu alta, com 50% dos brasileiros "No muy satisfecho" e 31% "Nada satisfecho". Embora tenha havido uma pequena melhora na satisfação desde 2018, a maioria da população ainda expressa descontentamento com o funcionamento da economia.

Brasil ¿Y con el funcionamiento de la economía?				
Categoría	Total	2018	2020	2023
Muy satisfecho	1.3%	0.5%	1.5%	1.1%
Más bien satisfecho	23.4%	4.9%	11.8%	15.4%
No muy satisfecho	43.5%	39.4%	48.3%	50.0%

Nada satisfecho	26.1%	52.9%	36.0%	31.0%
No sabe	4.4%	1.8%	2.2%	2.2%
No responde	1.2%	0.5%	0.2%	0.3%
(N)	20,302 (100%)	1,204 (100%)	1,204 (100%)	1,204 (100%)

Tabela 4: Funcionamento da Economia Brasil

Fonte: Latino Barómetro 2018 - 2023

Análise comparada BR x CH

Comparando as percepções sobre a economia no Brasil e no Chile entre 2018 e 2023, observamos um quadro de insatisfação crescente em ambos os países, embora com nuances distintas. Em suma, tanto no Brasil quanto no Chile, a insatisfação econômica é um tema predominante, com ambos os países mostrando altos níveis de descontentamento ao longo dos anos analisados. No entanto, enquanto o Brasil mostrou uma ligeira tendência de melhoria na percepção econômica, o Chile enfrentou uma queda mais abrupta na satisfação, particularmente devido a crises internas significativas.

Seguindo esse panorama, tanto o Brasil quanto o Chile experimentaram mudanças significativas na percepção pública sobre o progresso de seus países, refletindo contextos políticos e sociais distintos.

No Brasil, a percepção de progresso aumentou de forma constante ao longo dos anos. Em 2018, apenas 6,5% dos brasileiros acreditavam que o país estava avançando. Essa percepção melhorou para 19,3% em 2020 e continuou a crescer, alcançando 27,7% em 2023. Apesar desse crescimento, a maioria da população ainda não compartilha dessa visão otimista. Por outro lado, a percepção de estagnação, embora predominantemente alta, diminuiu ao longo do período, passando de 56,1% em 2018 para 42,5% em 2023. Isso indica uma leve melhoria na confiança sobre o desenvolvimento do país. A percepção de retrocesso também teve uma redução gradual,

com 34% em 2018, 25% em 2020, e 23,5% em 2023, sugerindo uma diminuição do pessimismo. No entanto, o aumento na proporção de entrevistados que não sabiam ou não responderam à pergunta, que subiu para 5% em 2023, pode refletir um crescimento da ambivalência ou desilusão em relação ao futuro do Brasil.

No Chile, a situação foi um pouco diferente. Em 2018, 33,3% da população acreditava que o país estava progredindo. No entanto, essa percepção sofreu uma queda acentuada, diminuindo para 12,6% em 2020 e subindo ligeiramente para 17,8% em 2023. Essa queda pode ser atribuída a eventos críticos como a crise social de 2019 e a pandemia de COVID-19, que impactaram negativamente a confiança no progresso do país. A percepção de estagnação no Chile manteve-se relativamente constante, com cerca de metade da população acreditando que o país estava estagnado em 2018 e 2020, e diminuindo ligeiramente para 41,4% em 2023. Em contraste, a percepção de retrocesso no Chile aumentou drasticamente ao longo do período, passando de 16,5% em 2018 para 35,8% em 2020 e alcançando 38,5% em 2023. Esse aumento reflete um crescente pessimismo, com a população percebendo que o país não só parou de avançar, mas também está regredindo. A proporção de pessoas que não sabiam ou não responderam à pergunta foi relativamente baixa, com um leve aumento para 2,3% em 2023.

Esses dados mostram que, enquanto o Brasil experimentou uma leve melhora na percepção de progresso e uma redução no pessimismo em relação ao retrocesso, o Chile enfrentou um aumento significativo no pessimismo e na percepção de retrocesso, apesar de uma leve diminuição na percepção de estagnação. Ambos os países demonstram diferentes trajetórias de percepção pública, influenciadas por seus próprios contextos políticos e sociais.

Brasil ¿Diría Ud. que este país...?				
Categoría	Total	2018	2020	2023
Está progresando	0,336	0,065	0,193	0,277
Está estancado	44,0%	56,1%	52,2%	42,5%
Está en retroceso	0,195	0,34	0,25	0,235
No sabe	2,6%	3,0%	3,2%	5,0%
No contesta	0,3%	0,4%	0,2%	1,2%

(N)	18,771 (100%)	1,204 (100%)	1,204 (100%)	1,204 (100%)

Tabela 5: Sentimento de Progresso Brasil

Fonte: Latino Barómetro 2018 - 2023

Chile ¿Diría Ud. que este país...?				
Categoría	Total	2018	2020	2023
Está progresando	38.1%	33.3%	12.6%	17.8%
Está estancado	44.7%	47.3%	47.0%	41.4%
Está em retroceso	14.5%	16.5%	35.8%	38.5%
No sabe	2.0%	2.3%	1.8%	2.3%
No contesta	0.7%	0.6%	2.7%	0.1%
(N)	19,224 (100%)	1,200 (100%)	1,200 (100%)	1,200 (100%)

Tabela 6: Sentimento de Progresso Chile

Fonte: Latino Barómetro 2018 - 2023

CONFIANÇA NO CONGRESSO NACIONAL

Outrossim, tanto o Brasil quanto o Chile enfrentaram desafios significativos em relação à confiança pública em seus respectivos Congressos. A análise dos dados revela como a confiança no Congresso variou nesses países, refletindo as diferentes crises políticas e sociais que impactaram cada nação. Enquanto o Brasil mostrou uma leve recuperação na confiança em seu Congresso ao longo dos anos, o Chile experimentou uma trajetória mais instável, marcada por uma queda acentuada na confiança, exacerbada por crises sociais e políticas.

No Brasil, em 2018, a confiança no Congresso era bastante baixa, com apenas 2,2% da população expressando "muita confiança" e 10% manifestando "alguma confiança". A grande maioria, 37,5%, relatava "pouca confiança", e 46,9% afirmavam não ter "nenhuma confiança". Esse panorama indicava um forte ceticismo em relação ao Congresso.

Em 2020, a situação não apresentou grandes melhorias em termos gerais, mas houve uma leve mudança na distribuição da confiança. A porcentagem de pessoas com "muita confiança" aumentou para 4,5%, enquanto a confiança "alguma" se manteve quase estável em 18,7%. A proporção de indivíduos com "pouca confiança" cresceu para 41,6%, e aqueles sem "nenhuma confiança" diminuíram para 32,1%. Essa redução no total de pessoas sem confiança pode ter sido um reflexo de mudanças políticas ou de tentativas de reformas institucionais.

Já em 2023, a confiança no Congresso mostrou uma tendência de crescimento. A porcentagem de brasileiros com "muita confiança" quase duplicou, alcançando 9,3%. Aqueles com "alguma confiança" também aumentaram ligeiramente para 20,3%. Apesar desses aumentos, a categoria de "pouca confiança" permaneceu relativamente estável, com 41%, e a porcentagem de pessoas sem "nenhuma confiança" continuou a cair, alcançando 25,7%. O nível de incerteza ("não sabe") se manteve estável em 2,9%, e a proporção de respostas "não contesta" subiu para 0,7%, refletindo uma leve ambivalência ou desinteresse.

Essa evolução sugere uma leve recuperação na percepção pública do Congresso ao longo dos anos, com um aumento na confiança em geral, embora a maioria ainda manifeste desconfiança significativa. O aumento na confiança pode estar relacionado a esforços de reforma, mudanças políticas ou melhorias na transparência e eficácia institucional. No entanto, a persistente alta proporção de pessoas com "pouca confiança" e a redução na falta total de confiança indicam que há uma longa jornada pela frente para melhorar a imagem e a credibilidade do Congresso brasileiro.

Entre 2018 e 2023, a confiança dos chilenos no Congresso demonstrou variações significativas, refletindo uma série de eventos políticos e sociais que impactaram a percepção pública. No ano de 2018 a confiança no Congresso chileno era bastante baixa. Apenas 0,7% da população tinha "muita confiança" na instituição, enquanto 16,8% manifestavam "alguma confiança". A maioria da população, 41,5%, tinha "pouca confiança", e 36,2% não tinha "nenhuma confiança". Esses dados indicam um sentimento geral de desconfiança, que já era significativo na época.

Já em 2020, o panorama de confiança no Congresso do Chile piorou ainda mais. A porcentagem de pessoas com "muita confiança" caiu para 0,5%, e a proporção de pessoas com "alguma confiança" também diminuiu para 12,3%. Esse período foi marcado por uma crise social e política, que provavelmente contribuiu para a queda na confiança. A categoria de "pouca

confiança" caiu para 31,9%, mas a porcentagem de pessoas sem "nenhuma confiança" subiu drasticamente para 52,9%, indicando um aumento acentuado no pessimismo e na insatisfação com o Congresso.

No entanto, em 2023, houve uma leve recuperação na confiança. A proporção de pessoas com "muita confiança" subiu para 0,8%, e a confiança "alguma" aumentou para 16,1%. Apesar desses aumentos, a confiança geral ainda era muito baixa em comparação com 2018. A categoria de "pouca confiança" aumentou para 36,5%, e a percepção de "nenhuma confiança" diminuiu para 45,2%. Essa diminuição, embora ainda alta, sugere uma leve melhora em relação ao pico de desconfiança observado em 2020. A proporção de pessoas que "não sabem" ou não responderam à pergunta foi de 1,3% em 2023, o que representa um pequeno aumento em relação aos anos anteriores.

Esses dados refletem um panorama de crescente desconfiança no Congresso chileno, exacerbado por crises políticas e sociais. A leve recuperação observada em 2023 pode sugerir uma tentativa de reforma ou melhorias institucionais, mas o nível de confiança ainda permanece muito baixo. A elevada proporção de pessoas sem confiança e a estabilidade nas respostas de "pouca confiança" indicam que o Congresso enfrenta um desafio contínuo para restaurar a credibilidade e a confiança da população.

A comparação entre o Brasil e o Chile destaca diferenças notáveis na evolução da confiança pública em seus Congressos. No Brasil, houve uma melhora gradual na percepção pública, com um aumento na proporção de pessoas com "muita" e "alguma" confiança, embora a maioria ainda mantenha um grau significativo de desconfiança. Em contraste, o Chile vivenciou uma queda acentuada na confiança, com picos de desconfiança em 2020 e uma leve recuperação em 2023, mas sem retornar aos níveis anteriores. Essa divergência reflete como as dinâmicas políticas e sociais específicas de cada país moldaram a confiança nas instituições legislativas, com o Brasil mostrando sinais de recuperação e o Chile lutando para superar um período de crise e insatisfação generalizada.

Brasil - Confianza en el Congreso				
Categoría	Total	2018	2020	2023
Mucha confianza	5,9%	2,2%	4,5%	9,3%
Algo de confianza	19,5%	10,0%	18,7%	20,3%

Poca confianza	36,4%	37,5%	41,6%	41,0%
Ninguna confianza	34,5%	46,9%	32,1%	25,7%
No sabe	3,0%	2,9%	3,0%	2,9%
No contesta	0,8%	0,3%	0,1%	0,7%
(N)	26,583 (100%)	1,204 (100%)	1,204 (100%)	1,204 (100%)

Tabela 7: Confiança no Congresso Brasil

Fonte: Latino Barómetro 2018 - 2023

Chile - Confianza en el Congreso				
Categoría	Total	2018	2020	2023
Mucha confianza	3,9%	0,7%	0,5%	0,8%
Algo de confianza	26,4%	16,8%	12,3%	16,1%
Poca confianza	38,7%	41,5%	31,9%	36,5%
Ninguna confianza	28,2%	36,2%	52,9%	45,2%
No sabe	2,0%	3,4%	1,0%	1,3%
No contesta	0,9%	1,4%	1,4%	0,2%
(N)	27,594 (100%)	1,200 (100%)	1,200 (100%)	1,200 (100%)

Tabela 8: Confiança no Congresso Chile

Fonte: Latino Barómetro 2018 - 2023

CONFIANÇA NAS INSTITUIÇÕES ELEITORAIS

Em se tratando da Confiança nas Instituições Eleitorais durante o mesmo período proposto, o Brasil e o Chile enfrentaram variações significativas na confiança das populações em suas instituições eleitorais, refletindo o impacto das dinâmicas políticas e sociais de cada país. A análise das mudanças na confiança pública revela como eventos específicos e períodos de crise influenciaram a percepção das instituições eleitorais e como, em ambos os casos, houve uma tentativa de recuperação nos anos mais recentes.

No Brasil, a confiança nas instituições eleitorais apresentou um cenário de flutuações, começando com um nível relativamente alto em 2018. Naquele ano, 13% dos brasileiros tinham "muita confiança" nas instituições eleitorais, e 26,4% tinham "alguma confiança", indicando uma base sólida de confiança. No entanto, em 2020, a confiança caiu consideravelmente, com apenas 8% expressando "muita confiança" e 18,2% com "alguma confiança". Esse declínio

pode ser atribuído a crises políticas e debates sobre a integridade das eleições. Em 2023, a confiança começou a se recuperar, com a porcentagem de pessoas com "muita confiança" aumentando para 19,8% e a de pessoas com "alguma confiança" permanecendo relativamente estável. A recuperação parcial indica que as instituições eleitorais conseguiram melhorar sua imagem, apesar dos desafios enfrentados.

No Chile, a confiança nas instituições eleitorais também apresentou variações significativas. Em 2018, a confiança era moderada, com 8,5% da população expressando "muita confiança" e 33,7% "alguma confiança". A crise social de 2019 e a pandemia de COVID-19, no entanto, tiveram um impacto negativo, resultando em uma queda acentuada em 2020. Nesse ano, apenas 2,5% tinham "muita confiança" e 26,3% "alguma confiança". A desconfiança aumentou, refletida na proporção de pessoas com "pouca confiança" subindo para 38,5% e "nenhuma confiança" aumentando para 24,3%. Em 2023, o Chile experimentou uma recuperação parcial, com a confiança "muita" subindo para 10,2% e a confiança "alguma" se mantendo estável em 34,6%. Apesar da recuperação, os níveis de confiança ainda não retornaram aos patamares de 2018.

Assim sendo, tanto o Brasil quanto o Chile encararam desafios significativos em relação à confiança nas instituições eleitorais. No Brasil, houve uma recuperação da confiança após um período de declínio, sugerindo uma melhoria na percepção pública das instituições. Todavia, no Chile, a confiança caiu acentuadamente em 2020, mas apresentou sinais de recuperação em 2023, embora ainda não tenha retornado aos níveis anteriores. Em ambos os países, a recuperação parcial da confiança indica que, apesar dos desafios, as instituições eleitorais estão conseguindo restaurar gradualmente sua credibilidade junto à população.

Confianza en la institución electoral del país				
		2018	2020	2023
País - Brasil				
Mucha confianza	13,0%	8,0%	13,5%	19,8%
Algo de confianza	26,4%	18,2%	22,8%	19,6%
Poca confianza	32,7%	39,2%	36,2%	32,0%

Ninguna confianza	24,1%	31,5%	24,9%	25,7%
No sabe	3,2%	2,7%	2,2%	2,1%
No responde	0,6%	0,4%	0,4%	0,8%
(N)	10,878 (100%)	1,204 (100%)	1,204 (100%)	1,204 (100%)

Tabela 9: Confiança na Instituição Eleitoral no Brasil

Fonte: Latino Barómetro 2018 - 2023

Confianza en la institución electoral del país				
		2018	2020	2023
País - Chile				
Mucha confianza	8,5%	2,5%	5,7%	10,2%
Algo de confianza	33,7%	26,3%	34,8%	34,6%
Poca confianza	31,6%	38,5%	28,4%	31,6%
Ninguna confianza	18,7%	24,3%	19,8%	18,0%
No sabe	6,4%	6,3%	10,2%	5,3%
No responde	1,1%	2,2%	1,1%	0,4%
(N)	10,801 (100%)	1,200 (100%)	1,200 (100%)	1,200 (100%)

Tabela 10: Confiança na Instituição Eleitoral no Chile

Fonte: Latino Barómetro 2018 - 2023

CONFIANÇA NOS PARTIDOS POLÍTICOS

Neste cenário de crise de representação política, faz-se mais que necessário analisarmos a confiança nos partidos políticos. O Brasil e o Chile apresentaram variações significativas, e essa análise permite comparar como as mudanças na confiança política se desenrolaram em contextos distintos, mas igualmente desafiadores, e observar as semelhanças e diferenças nas respostas da população.

Relativo ao levantamento realizado pelo Latino Barómetro, foi-lhes perguntado sobre o nível de confiança nos partidos políticos, respondendo “mucha confianza”, “poca confianza” “ninguna confianza” etc.

No Brasil, a confiança nos partidos políticos começou com níveis relativamente baixos em 2018, com 3% da população expressando "muita confiança" e 13% demonstrando "alguma confiança". A maioria, 32,7%, tinha "pouca confiança", enquanto 49,5% não confiavam "nenhum" nos partidos. Em 2020, houve uma queda acentuada na confiança, com apenas 2% dos brasileiros manifestando "muita confiança" e 4,2% "alguma confiança". A confiança "pouca" aumentou para 25,7%, e a falta total de confiança subiu para 66,5%. Este declínio reflete o impacto das crises políticas e sociais exacerbadas naquele período.

A partir de 2023, observou-se uma recuperação parcial na confiança nos partidos políticos no Brasil. A porcentagem de pessoas com "muita confiança" subiu para 4,1% e "alguma confiança" para 14,2%. A proporção de pessoas com "pouca confiança" foi de 36,6%, e a falta de confiança reduziu para 43,5%. Apesar dessa melhora, a confiança nos partidos políticos ainda enfrenta desafios, mas os dados sugerem uma leve recuperação desde o ponto mais baixo de 2020.

No Chile, a confiança nos partidos políticos também começou baixa em 2018, com apenas 1,8% da população expressando "muita confiança" e 16,9% "alguma confiança". A maioria, 35,9%, tinha "pouca confiança", e 43,1% não confiavam "nenhum" nos partidos. A situação piorou em 2020, quando a porcentagem de pessoas com "muita confiança" caiu para 0,5% e "alguma confiança" para 7%. A desconfiança total aumentou para 64,9%, refletindo o impacto das crises sociais e políticas, incluindo a crise social de 2019 e a pandemia de COVID-19.

Em 2023, o Chile também mostrou sinais de leve recuperação. A confiança com "muita confiança" aumentou para 0,9% e "alguma confiança" para 10,2%. A proporção de pessoas com "pouca confiança" subiu para 26,9%, e a falta de confiança foi reduzida para 61,4%. Apesar dessa leve recuperação, a desconfiança continua alta, indicando que as reformas necessárias para melhorar a credibilidade dos partidos políticos ainda são urgentes.

A comparação entre o Brasil e o Chile revela que os dois países experimentaram uma queda significativa na confiança nos partidos políticos entre 2018 e 2020, reflexo das crises e turbulências políticas. Ambos mostraram uma leve recuperação em 2023, mas a confiança ainda permanece relativamente baixa. No Brasil, a recuperação foi mais evidente, embora parcial, sugerindo um possível restabelecimento da confiança em algum nível. No Chile, apesar de uma leve melhora, a desconfiança permanece elevada, sublinhando a necessidade de reformas políticas mais profundas. Em ambos os casos, os dados ilustram o impacto contínuo das crises

políticas e sociais na percepção pública dos partidos políticos e a necessidade de medidas eficazes para restaurar a credibilidade e a confiança.

Confianza en los Partidos Políticos				
	Total	2018	2020	2023
País - Chile				
Mucha confianza	1,8%	0,8%	0,5%	0,9%
Algo de confianza	16,9%	12,9%	7,0%	10,2%
Poca confianza	35,9%	33,4%	26,4%	26,9%
Ninguna confianza	43,1%	47,3%	64,9%	61,4%
No sabe	1,2%	3,7%	1,0%	0,5%
No contesta	1,0%	1,9%	0,3%	0,2%
(N)	27,594 (100%)	1,200 (100%)	1,200 (100%)	1,200 (100%)

Tabela 11: Confiança nos Partidos Políticos Chile

Fonte: Latino Barómetro 2018 - 2023

Confianza en los Partidos Políticos				
		2018	2020	2023
País - Brasil				
Mucha confianza	3,0%	2,0%	2,2%	4,1%
Algo de confianza	13,0%	4,2%	10,7%	14,2%
Poca confianza	32,7%	25,7%	38,2%	36,6%
Ninguna confianza	49,5%	66,5%	47,4%	43,5%
No sabe	1,3%	1,0%	1,3%	0,9%
No contesta	0,5%	0,5%	0,2%	0,7%
(N)	26,583 (100%)	1,204 (100%)	1,204 (100%)	1,204 (100%)

Tabela 12: Confiança nos Partidos Políticos Brasil

Fonte: Latino Barómetro 2018 - 2023

PERCEPÇÃO SOBRE O FUNCIONAMENTO DOS PARTIDOS POLÍTICOS

Diante do exposto, a próxima questão incidente aos partidos políticos diz respeito à percepção do funcionamento deste, medido através de um índice de acordo/desacordo. No geral, nota-se um nível elevado de descontentamento em ambos os países.

Em se tratando do Brasil, uma parte considerável da população se posiciona de forma negativa em relação ao funcionamento dos partidos políticos, com 24,8% dos entrevistados "em desacordo" e 44,9% "muito em desacordo", totalizando 69,7% com uma visão crítica. Apenas uma pequena parcela, 8,3%, está "muito de acordo", e 18,7% "de acordo", somando 27% com uma visão positiva, enquanto 3,3% não souberam ou não quiseram responder.

No Chile, a situação é ainda mais crítica, com 44,5% "em desacordo" e 35,2% "muito em desacordo", totalizando 79,7% que discordam da ideia de que os partidos políticos funcionam bem. Apenas 1,6% estão "muito de acordo" e 16,2% "de acordo", totalizando 17,8% de visão positiva, enquanto 2,6% optaram por não responder.

No conjunto dos dois países, a percepção negativa prevalece, com 74,7% dos entrevistados discordando, em alguma medida, de que os partidos políticos funcionam bem. Apenas 22,3% dos respondentes expressaram algum nível de concordância. Esses dados indicam um cenário de forte insatisfação com os partidos políticos, sendo mais acentuada no Chile do que no Brasil, embora em ambos os países a maioria dos cidadãos não esteja satisfeita com o funcionamento dos partidos políticos. A baixa concordância revela desafios profundos no sistema político que afetam a legitimidade e a confiança pública em ambas as nações.

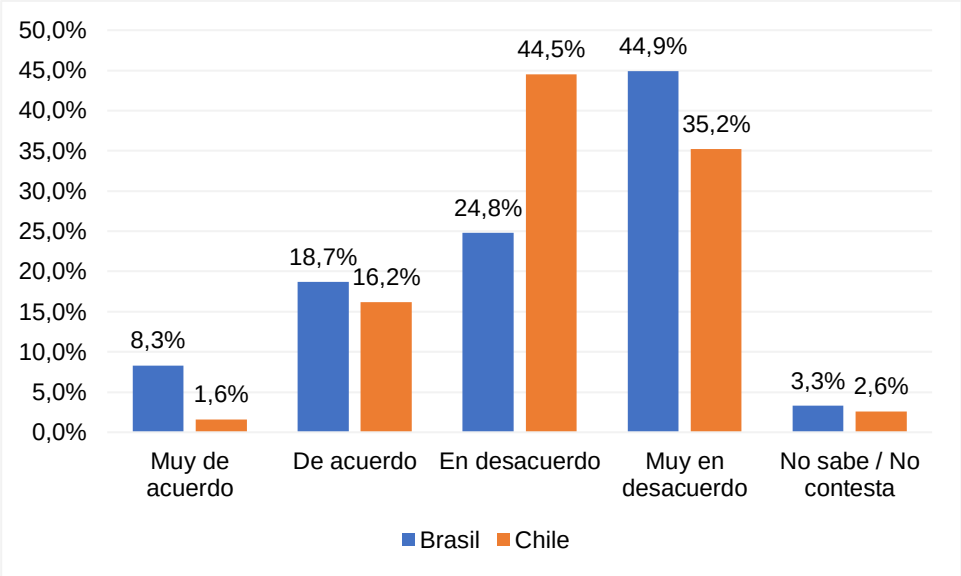

Gráfico 1: Funcionamento dos Partidos Políticos

Fonte: Latino Barómetro 2023

PARADOXOS DIGITAIS: A DUALIDADE ENTRE USO E CONFIANÇA NAS REDES SOCIAIS

No contexto da era digital, o uso de redes sociais tem se tornado um fator determinante na formação da opinião pública e no engajamento político. As plataformas digitais desempenham papéis cruciais na maneira como os cidadãos interagem com o mundo ao seu redor, influenciando desde a percepção de confiança nos políticos até as escolhas eleitorais. Esta análise se concentra no panorama do uso de redes sociais no Brasil e no Chile, explorando como essas plataformas têm evoluído e impactado a comunicação social e política.

O estudo examina dados dos anos de 2018, 2020 e 2023 para identificar tendências no uso das principais redes sociais, como Facebook, WhatsApp, Twitter e Instagram. A comparação entre esses anos revela não apenas a persistência de algumas plataformas, mas também o surgimento de novas, refletindo as mudanças nas preferências dos usuários e na dinâmica cultural e tecnológica da região.

Além de examinarmos o uso das redes sociais, o objetivo é relacionar com a confiança dos usuários nessas plataformas. Apesar da importância das redes sociais para debates públicos e

mobilizações políticas, a confiança nelas é relativamente baixa. No Brasil, uma grande parte dos usuários expressa desconfiança, enquanto no Chile a confiança é ligeiramente maior, mas ainda assim limitada. Esse paradoxo entre o uso intenso e a baixa confiança reflete uma relação complexa, onde a utilidade das redes sociais para a comunicação política e a expressão pública prevalece sobre as preocupações com sua credibilidade.

Este tópico oferece uma visão abrangente sobre como as redes sociais estão moldando a interação social e política no Brasil e no Chile, destacando as mudanças nas preferências dos usuários e as implicações para o futuro dessas plataformas.

A forma como os usuários brasileiros e chilenos interagem com essas plataformas podem amplificar ou mitigar a crise de representação, afetar a percepção de confiança nos políticos e impactar a escolha de candidatos e decisões eleitorais. A adaptação das plataformas às novas preferências e comportamentos também reflete a necessidade dos políticos em se alinhar com essas mudanças para manter a relevância e a conexão com os eleitores. O Brasil e o Chile oferecem um panorama interessante sobre como as redes sociais moldam a comunicação e a interação social. A comparação entre os dados de 2018 e 2023 revela não apenas a persistência de algumas plataformas, mas também a ascensão e queda de outras, refletindo as dinâmicas culturais e tecnológicas da região. Este estudo explora as tendências e diferenças no uso de redes sociais destacando como o WhatsApp, Facebook, YouTube, Instagram, e outras plataformas desempenham papéis distintos na vida cotidiana dos usuários brasileiros e chilenos, e como essas plataformas se adaptam às mudanças nas preferências e comportamentos ao longo do tempo.

Os dados fornecidos pelo Latino Barómetro mostram a evolução no uso de redes sociais nos anos de 2018, 2020 e 2023 no Brasil, Chile e uma média total entre os países. A análise permite observar mudanças significativas em diversas plataformas e a entrada de novas redes, refletindo as tendências de adoção tecnológica e comportamento digital ao longo dos anos.

Em 2018, o Facebook era a rede social mais utilizada, com 25,8% do uso total, sendo um pouco mais popular no Chile (26,5%) do que no Brasil (25,1%). Já em 2020, houve uma queda geral no uso do Facebook para 22,7%, mostrando uma leve diminuição tanto no Brasil (22,4%) quanto no Chile (22,9%). Esse declínio continua em 2023, com uma porcentagem ainda menor de usuários: 20% no total, com 19,5% no Brasil e 20,5% no Chile. Essa queda contínua pode ser explicada pela migração dos usuários para outras plataformas mais novas e dinâmicas.

Snapchat apresenta um uso marginal durante os três anos analisados. Em 2018, apenas 1,7% do total de entrevistados utilizavam a rede, com o Brasil tendo uma participação ligeiramente superior (2,2%) em relação ao Chile (1,2%). Em 2020, essa diferença persiste, com um leve aumento no total (1,8%), e o Brasil se mantendo à frente. Em 2023, observa-se uma leve queda no uso total (1,3%), com o Brasil e o Chile praticamente empatados. Isso demonstra que o Snapchat não conseguiu crescer de forma significativa na América Latina.

O Youtube mantém uma presença consistente em todos os anos. Em 2018, 16,3% dos entrevistados no total indicaram usar a plataforma, número que subiu para 17,2% em 2020. No entanto, 2023 mostra uma leve queda para 15,4%, possivelmente devido à diversificação do consumo de conteúdo audiovisual em outras plataformas, como TikTok. No entanto, o YouTube se mantém relativamente estável, sendo um dos serviços de streaming de vídeo mais usados no Brasil e no Chile.

O WhatsApp é outra rede que tem ampla aceitação nos dois países. Em 2018, a plataforma foi usada por 29,6% dos entrevistados no total, e o uso permaneceu praticamente constante em 2020 (29,1%). Em 2023, embora o WhatsApp ainda seja uma das redes mais utilizadas, o uso caiu ligeiramente para 27%. Esse leve declínio pode ser justificado pela adoção de outras plataformas de comunicação instantânea ou pela saturação do mercado.

O Instagram, por outro lado, experimentou um crescimento notável. Em 2018, 10,9% dos entrevistados utilizavam a rede, sendo o Brasil o principal mercado (11,6%). Em 2020, o uso aumentou para 15,2% no total, com uma participação semelhante em ambos os países. O crescimento continua em 2023, com o uso atingindo 16,2% no total, sendo o Brasil novamente o maior mercado (17,8%). Esse crescimento reflete a expansão do Instagram como uma plataforma para compartilhamento de fotos e vídeos curtos, além de seu papel crescente no comércio eletrônico e marketing de influenciadores.

Uma mudança significativa no cenário de redes sociais é a ascensão do TikTok. Enquanto a rede era praticamente inexistente em 2018, ela aparece pela primeira vez nos dados de 2020, com 2,7% de uso total, sendo mais popular no Brasil (4,9%) do que no Chile (0,8%). Em 2023, o TikTok se consolida como uma das principais plataformas, com 9% de participação no total, e uma adesão bastante equilibrada entre Brasil (8,5%) e Chile (9,4%). O crescimento meteórico do TikTok reflete sua popularidade entre jovens, especialmente com vídeos curtos e virais.

O LinkedIn mostra um crescimento constante, mas discreto, ao longo dos anos. Em 2018, 1,3% dos entrevistados utilizavam a rede, número que subiu levemente para 2,1% em 2023. O uso é semelhante entre os dois países, sugerindo que o LinkedIn ainda é uma plataforma de nicho, focada no networking profissional.

O Twitter se destaca como a principal plataforma para discussões políticas, devido ao seu formato dinâmico e público, que facilita interações rápidas e engajamento em tópicos sociais e políticos entre políticos, jornalistas, acadêmicos e o público em geral. Os dados de Brasil e Chile reforçam essa tendência, com o Twitter sendo consistentemente mais utilizado no Chile do que no Brasil.

Em 2018, 6,4% dos chilenos usavam o Twitter, comparado a 2,7% dos brasileiros. Esse uso aumentou no Chile para 8,2% em 2020, enquanto no Brasil o crescimento foi mais modesto, chegando a 3,6%. Em 2023, mesmo com uma leve queda global no uso do Twitter para 5,6%, o Chile ainda manteve uma taxa de 7,4%, em contraste com 3,4% no Brasil.

Embora o Twitter seja a plataforma preferida para discussões políticas, o crescimento de redes como Instagram e TikTok está mudando esse cenário. Políticos e ativistas estão utilizando vídeos curtos e postagens visuais nessas plataformas para alcançar e engajar o público mais jovem. Assim, enquanto o Twitter permanece forte para debates políticos, Instagram e TikTok estão ganhando espaço, principalmente em termos de alcance e engajamento visual.

Uma observação interessante é o número de pessoas que não utilizam redes sociais. Em 2018, 8,8% dos entrevistados afirmaram não usar nenhuma plataforma. Esse número caiu para 5,1% em 2020, e diminuiu ainda mais em 2023, chegando a apenas 3,4% no total. Isso reflete a crescente digitalização da população e a inclusão das redes sociais como parte da vida cotidiana. No Brasil, a diminuição de usuários que não utilizam redes sociais foi ainda mais acentuada, caindo de 11,5% em 2018 para 5,5% em 2023.

Em resumo, a análise revela um cenário em constante transformação, com o declínio de plataformas mais tradicionais como Facebook e o crescimento de redes como Instagram e TikTok. O WhatsApp continua sendo amplamente utilizado, mas outras plataformas de comunicação, como o Instagram, vêm ganhando terreno.

Redes sociales que utiliza - 2018			
Categoría	Total	Brasil	Chile
Facebook	25,8%	25,1%	26,5%
Snapchat	1,7%	2,2%	1,2%
Youtube	16,3%	15,8%	16,8%
Twitter	4,6%	2,7%	6,4%
Whatsapp	29,6%	28,1%	31,0%
Instagram	10,9%	11,6%	10,3%
Tumblr	0,5%	0,6%	0,4%
LinkedIn	1,3%	1,9%	0,8%
Otro	0,2%	0,3%	0,1%
No usa	8,8%	11,5%	6,4%
No sabe/No responde	0,2%	0,2%	0,2%
(N)	5,916 (100%)	2,819 (100%)	3,097 (100%)

Tabela 13: Redes Sociais 2018

Fonte: Latino Barómetro

Redes sociales que utiliza - 2020			
Categoría	Total	Brasil	Chile
Facebook	22,7%	22,4%	22,9%
Snapchat	1,8%	1,5%	2,2%
Youtube	17,2%	16,6%	17,8%
Twitter	6,0%	3,6%	8,2%
Whatsapp	29,1%	27,4%	30,6%
Instagram	15,2%	15,9%	14,6%
Tik Tok	2,7%	4,9%	0,8%
Otro	0,1%	0,1%	0,1%
No usa	5,1%	7,7%	2,7%
(N)	6,747 (100%)	3,215 (100%)	3,532 (100%)

Tabela 14: Redes Sociais 2020

Fonte: Latino Barómetro

Redes sociales que utiliza - 2023			
Categoría	Total	Brasil	Chile
Facebook	20,0%	19,5%	20,5%
Snapchat	1,3%	1,3%	1,2%
Youtube	15,4%	14,8%	16,0%
Twitter	5,6%	3,4%	7,4%
Whatsapp	27,0%	27,2%	26,8%
Instagram	16,2%	17,8%	14,8%
Tik Tok	9,0%	8,5%	9,4%
LinkedIn	2,1%	1,9%	2,2%
Otro	0,1%	0,2%	-
No usa	3,4%	5,5%	1,7%
(N)	7,624 (100%)	3,496 (100%)	4,128 (100%)

Tabela 15: Redes Sociais mais utilizadas 2023

Fonte: Latino Barómetro

Contudo, quando analisamos essa interação com as redes sociais e a relacionamos com a confiança dos usuários nestas, é possível perceber uma aparente contradição, pois há um elevado uso dessas plataformas para debates públicos, todavia, com uma baixa confiança nelas.

Por um lado, o Twitter, por exemplo, se destaca como uma plataforma crucial para discussões políticas, sendo amplamente utilizado tanto no Brasil quanto no Chile, especialmente para interações dinâmicas entre políticos, jornalistas e o público. O uso dessas plataformas para expressar insatisfações, articular movimentos sociais e compartilhar informações mostra que, apesar da desconfiança, as redes desempenham um papel central na esfera pública.

Por outro lado, os dados sobre confiança revelam que a maioria dos usuários em ambos os países não confia plenamente nas redes sociais. No Brasil, mais de 75% dos entrevistados expressam "Poca" ou "Ninguna" confiança nas redes, sugerindo uma forte percepção de que esses espaços podem ser suscetíveis à desinformação ou manipulação. No Chile, embora também haja uma desconfiança expressiva, os níveis de confiança são ligeiramente mais

elevados, com 36,6% dos chilenos indicando "Algo" de confiança nas plataformas, em comparação com apenas 16,5% no Brasil.

Essa contradição pode ser explicada pelo fato de que, embora muitos usuários reconheçam os problemas associados às redes sociais — como fake news e a falta de transparência em algoritmos —, as plataformas ainda são vistas como os meios mais acessíveis e diretos para participar de discussões políticas e sociais. A dinâmica das redes permite uma mobilização rápida e a possibilidade de amplificar vozes que, de outra forma, não teriam espaço nos meios de comunicação tradicionais. Dessa forma, mesmo que a confiança seja baixa, a utilidade das redes sociais para a comunicação política e a expressão pública mantém o seu uso elevado.

Esse paradoxo evidencia uma relação complexa entre os usuários e as redes sociais, em que a falta de confiança não impede o uso intenso para propósitos específicos, como o engajamento político. Isso pode ter implicações importantes para o futuro das plataformas, especialmente se as questões de credibilidade não forem abordadas de maneira eficaz, visto que a desconfiança persistente pode, eventualmente, minar a relevância dessas redes a longo prazo. No entanto, a força dessas plataformas para mobilização e debate público ainda parece suplantar as preocupações com sua confiabilidade, ao menos por enquanto.

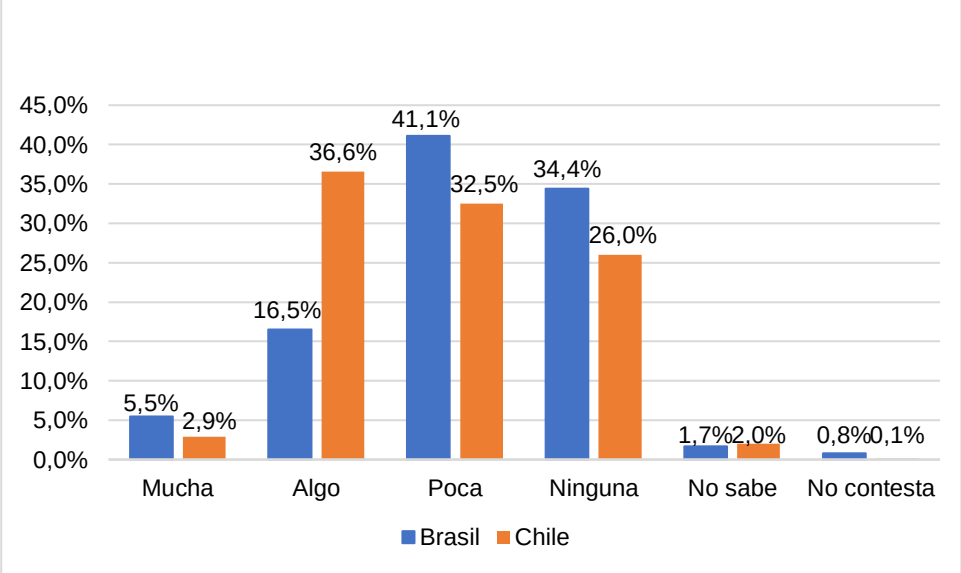

Gráfico 2: Confiança nas Redes Sociais

Fonte: Latino Barómetro

DA CRISE À MOBILIZAÇÃO: O IMPACTO DAS REDES SOCIAIS NAS LIDERANÇAS EMERGENTES

O cenário político contemporâneo no Brasil e no Chile evidencia o surgimento de novos líderes que, ao utilizarem as redes sociais digitais, capitalizam a crescente desconfiança nas instituições políticas e a indignação pública. Esse fenômeno é notável em figuras como o deputado Kim Kataguiri e Carla Zambelli no Brasil, assim como o Dr. Lagomarsino e a ativista política Tia Pikachu no Chile, que mobilizaram seguidores com forte presença digital, refletindo o que Silva descreve como a era dos desconfiados conectados.

No Brasil, a crise de representação, acentuada pela Operação Lava Jato, abriu espaço para lideranças como Kataguiri e Zambelli, que emergiram como símbolos de uma nova direita, amplamente antissistema e ativistas no combate à corrupção. Ambos aproveitaram o ambiente digital para mobilizar seguidores e se consolidar como figuras de destaque no cenário político, em um processo em que "as mídias sociais digitais se tornaram plataformas de expressão da indignação política".

Esse fenômeno não é exclusivo ao Brasil. No Chile, o Dr. Lagomarsino, deputado, junto com a ativista política Tia Pikachu, exemplifica um fenômeno semelhante. Ambos emergiram durante os protestos sociais de 2019, utilizando as mídias digitais para amplificar suas demandas e mobilizar a população contra as desigualdades sociais. De acordo com Silva, o uso dessas plataformas amplia o impacto dos discursos mais extremistas e polarizadores, fortalecendo as lideranças que se apresentam como alternativas ao sistema tradicional.

Essa dinâmica reflete a crescente importância das redes digitais na articulação política e na emergência de figuras que canalizam a insatisfação popular em períodos de crise de representação. O papel das redes sociais não apenas facilita a expressão de descontentamento, mas também amplifica os discursos polarizadores, permitindo que líderes emergentes mobilizem apoio e desafiem as estruturas políticas estabelecidas. O uso eficaz dessas plataformas por novos líderes ilustra como a política contemporânea é cada vez mais moldada pela interação digital e pelo descontentamento com as instituições tradicionais.

CARLA ZAMBELLI: DA MILITÂNCIA AO CONGRESSO

Carla Zambelli nasceu em Ribeirão Preto, em 3 de julho de 1980. Ela ganhou notoriedade como fundadora do movimento Nas Ruas, que se destacou por seus protestos contra a presidente Dilma Rousseff, especialmente durante o processo de impeachment. Embora tenha sido associada ao grupo feminista Femen, Zambelli afirma que não foi líder do movimento e nega ter sido uma de suas fundadoras. Sua relação com o Femen foi breve, resultando em rompimento devido às diferenças ideológicas com Sara Winter, antiga líder do grupo no Brasil.

Em 2015, Zambelli começou a trabalhar como gerente de projetos na KPMG Consultoria, enquanto o movimento Nas Ruas crescia em relevância, catalisado pela crise política no Brasil. Sua carreira política tomou impulso em 2018, quando foi eleita deputada federal por São Paulo pelo PSL (Partido Social Liberal), e ela foi reeleita em 2022, dessa vez pelo PL (Partido Liberal).

Zambelli foi envolvida em várias controvérsias ao longo de sua carreira, incluindo um protesto de 2016 em que o ministro Ricardo Lewandowski se irritou com um boneco inflável gigante de sua imagem, e um incidente em 2017, quando acusou o deputado Paulo Pimenta de roubo durante um confronto.

Alinhada à direita, Zambelli é liberal na economia e conservadora nos costumes, posicionando-se contra a política de cotas, exceto para pessoas com deficiência, e a favor da monarquia, conforme declarado em 2017. Ela foi premiada pelo público como a melhor deputada na categoria "Melhores na Câmara" no prêmio Congresso em Foco de 2022.

No entanto, seu segundo mandato enfrentou um desafio significativo devido a um incidente em outubro de 2022, quando ela perseguiu um homem desarmado com uma arma de fogo durante as eleições, resultando em uma denúncia por porte ilegal de armas. Além disso, ela está sendo investigada pela Polícia Federal por suposto envolvimento em uma trama cibergolpista, relacionada ao hacker Walter Delgatti, que teria tentado desacreditar o sistema eleitoral.

Zambelli mantém uma forte ligação com o ex-presidente Jair Bolsonaro, especialmente após o rompimento deste com Joice Hasselmann. Sua presença digital continua sendo influente, com grande engajamento nas redes sociais. Ela busca conciliar sua atuação como congressista com seu histórico de ativista, tentando adaptar-se às exigências do Congresso sem perder a essência de sua militância.

Antes de sua carreira política, Zambelli trabalhou em diversas empresas e cursou arquitetura antes de mudar para a administração. Ela critica a flexibilização do aborto, a liberação do consumo recreativo de drogas mais leves e a criminalização da homofobia. No Congresso, enfrenta desafios para manter sua identidade de ativista enquanto busca aprovar projetos.

Atualmente, é uma das congressistas mais influentes nas redes sociais, com mais de 770 mil seguidores nas principais plataformas. Zambelli revelou que seu interesse pela política surgiu com o voto secreto de cassação de mandato parlamentar, particularmente no caso de Jaqueline Roriz. Esses elementos refletem a trajetória de Zambelli, que tem sido marcada por controvérsias e desafios dentro e fora do Congresso, enquanto navega por um cenário político polarizado no Brasil.

A continuação da análise dos tweets de Carla Zambelli revela tendências importantes em termos de engajamento, plataformas utilizadas e horários de maior atividade. Os tweets mais retuitados e favoritados destacam temas relacionados à política brasileira, especialmente figuras públicas como Jair Bolsonaro e Alexandre de Moraes. O conteúdo que gerou maior engajamento inclui críticas sobre decisões políticas ou judiciais, além de temas que geram controvérsia e atraem muita atenção. Também foi observado que tweets que fazem referência a eventos específicos, como ações judiciais ou manifestações, apresentam altos níveis de interação, o que sugere que acontecimentos pontuais despertam grande interesse entre os seguidores de Zambelli.

No que diz respeito ao engajamento, o tweet mais retuitado, relacionado a manifestações de 1º de maio, alcançou 6.418 retweets, e o mais favoritado, sobre uma ação judicial movida por Bolsonaro contra Alexandre de Moraes, acumulou 45.769 favoritações. Isso demonstra que temas polêmicos envolvendo políticos e eventos de destaque são os mais bem-sucedidos em termos de engajamento. Além disso, a diferença entre o número de retweets e favoritações entre os cinco tweets mais populares não é muito grande, sugerindo que diversos tweets conseguiram captar o interesse dos usuários de forma quase equivalente.

Quando analisada a atividade ao longo da semana, observou-se que sexta-feira é o dia com maior volume de tweets, enquanto sábado apresenta o menor número de publicações. Esse padrão sugere que o público de Zambelli tende a ser mais ativo e engajado às vésperas do fim de semana, o que pode ser útil para a otimização de publicações com o objetivo de maximizar visibilidade. No que se refere aos horários, o pico de atividade acontece às 9h da noite, com

283 tweets, enquanto os períodos de menor atividade são às 7h e 9h da manhã, com apenas 2 tweets registrados em cada horário.

A análise das plataformas mostra que a maior parte dos tweets de Zambelli foi publicada através de dispositivos móveis, com o Twitter por iPhone responsável por 41% e o Twitter for Android por 37,5% das postagens. Já o uso do Twitter Web App e do Twitter Media Studio representou cerca de 10-11% do total de tweets. Isso demonstra o domínio do uso de dispositivos móveis por Zambelli para se comunicar com seu público, o que reflete uma tendência mais ampla no uso de redes sociais.

Por fim, a análise detalhada do perfil de Zambelli entre fevereiro e maio de 2022 revela uma presença robusta e engajada na plataforma, com uma média de mais de 30 tweets por dia. Com um total de 3.198 tweets durante o período, Zambelli adotou uma estratégia de interação direta com seu público, gerando 4.518 menções e compartilhando 317 links, o que reflete seu esforço em manter uma comunicação ativa. No total, seus tweets geraram mais de 960 mil retweets e 5 milhões de favoritações, mostrando um impacto significativo de suas postagens, especialmente em temas políticos e sociais. Isso destaca o papel estratégico de Zambelli na utilização do Twitter para amplificar seu alcance e influência política.

A análise dos tweets de Carla Zambelli

A análise dos tweets de Carla Zambelli entre fevereiro e maio de 2022 revela uma presença intensa e estratégica na plataforma, com foco em temas políticos e alta interação com seu público. Durante esse período, Zambelli publicou um total de 3.198 tweets, com uma média de 30,46 tweets por dia, demonstrando um esforço considerável para manter relevância e visibilidade. Seus tweets, muitas vezes marcados por críticas políticas e menções a figuras públicas como Jair Bolsonaro e Alexandre de Moraes, geraram 960.024 retweets e 5.062.493 favoritos, indicando um forte impacto de suas postagens.

Os tweets que alcançaram maior engajamento incluem temas relacionados à política brasileira, em especial críticas a decisões judiciais ou políticas, com destaque para um tweet sobre manifestações no dia 1º de maio, que foi o mais retuitado (6.418 retweets), e uma publicação sobre Bolsonaro ajuizando uma ação contra Alexandre de Moraes, que foi o mais favoritado (45.769 favoritos). O conteúdo de seus tweets frequentemente abordava acontecimentos

específicos, como manifestações e ações judiciais, o que sugere que temas pontuais geram alto nível de interesse.

Zambelli também fez um uso extensivo de menções a outros usuários, totalizando 4.518, e compartilhou 317 links, utilizando essas ferramentas como parte de uma estratégia para gerar engajamento e direcionar tráfego. Além disso, a deputada foi bastante ativa nas respostas diretas, com 1.960 interações dessa natureza, sugerindo um alto nível de diálogo com seu público. Isso reflete uma abordagem bastante interativa em sua estratégia de comunicação.

Em relação aos tweets mais retuitados e favoritados, os temas mais presentes foram sempre de cunho político, com foco em figuras públicas e acontecimentos que polarizavam opiniões. A consistência no tipo de conteúdo mais viral indica que Zambelli aproveita bem a plataforma para amplificar suas mensagens críticas e sua base de apoio político. Não apenas os números de retweets e favoritos foram elevados, mas também foram distribuídos de maneira relativamente equitativa entre os tweets, com uma diferença pequena entre os cinco mais retuitados e os cinco mais favoritados.

A análise da distribuição dos tweets ao longo da semana mostra um padrão interessante: sexta-feira é o dia com mais publicações, enquanto sábado é o dia com menos atividade. Isso sugere que o engajamento de Zambelli com sua audiência atinge seu pico antes do fim de semana, quando a atenção do público pode estar mais voltada para discussões políticas e sociais. Horários também mostram um padrão, com o pico de atividade ocorrendo às 9h da noite, sugerindo que Zambelli atinge maior visibilidade ao publicar no período noturno.

Quanto às plataformas utilizadas, a análise mostrou que Zambelli preferencialmente twitta por dispositivos móveis. O Twitter por iPhone foi responsável por 41% de seus tweets, enquanto o Twitter por Android representou 37,5%. O uso de plataformas web, como o Twitter Web App e o Twitter Media Studio, foi consideravelmente menor, totalizando cerca de 10-11% das postagens. Isso reflete o uso predominante de dispositivos móveis para interação constante e rápida com seu público.

Em resumo, a análise do perfil de Carla Zambelli no Twitter entre fevereiro e maio de 2022 revela uma atuação altamente estratégica e eficaz na plataforma, com foco em engajamento, interação direta com a audiência, e um uso constante de temas políticos para atrair atenção e maximizar o impacto de suas postagens. O domínio do uso de dispositivos móveis e a capacidade de gerar altos níveis de retweets e favoritos indicam uma compreensão clara das

dinâmicas da plataforma e uma capacidade de amplificar sua presença de forma significativa, especialmente em momentos de relevância política e social.

DE VÍDEOS NO YOUTUBE AO CONGRESSO NACIONAL: A TRAJETÓRIA DE KIM KATAGUIRI

Kim Kataguiri, nascido em 28 de janeiro de 1996, é um político e ativista brasileiro, conhecido por sua atuação como líder do Movimento Brasil Livre (MBL). Sua trajetória política começou em 2013, quando, aos 17 anos, ele publicou um vídeo no YouTube criticando o Bolsa Família e questionando o modelo econômico defendido pelo Partido dos Trabalhadores. Esse vídeo rapidamente ganhou popularidade e marcou o início de sua jornada como ativista.

Em 2014, Kim Kataguiri co-fundou o MBL, uma organização que se destacaria por seu papel nos protestos que levaram ao impeachment da então presidente Dilma Rousseff. O movimento, que defende o liberalismo econômico e a redução do tamanho do Estado, rapidamente ganhou destaque e Kataguiri tornou-se uma figura central nas manifestações. Em 15 de março de 2015, ele se destacou ao falar para uma multidão de 200 mil manifestantes em São Paulo, durante uma das maiores manifestações da cidade em uma geração.

A atuação de Kataguiri e do MBL foi reconhecida internacionalmente em 2015, quando a revista Time o nomeou como um dos adolescentes mais influentes do ano. Aproveitando sua crescente influência, Kataguiri lançou o livro “Quem é esse moleque para estar na Folha?”, sobre sua passagem como colunista, e Como um grupo de desajustados derrubou a presidente – MBL: A Origem, que detalha a origem do movimento e os protestos contra o governo Dilma.

Em 2018, Kataguiri foi eleito deputado federal pelo estado de São Paulo, recebendo 465.310 votos e ficando em quarto lugar entre os candidatos. Durante seu mandato, ele se destacou por apoiar reformas importantes, como a Reforma da Previdência e a Reforma Trabalhista, ambas voltadas para a sustentabilidade do sistema previdenciário e a flexibilização das leis trabalhistas.

No início de 2022, Kataguiri mudou sua filiação política para o Podemos, com o objetivo de apoiar a candidatura de Sergio Moro à presidência. No entanto, após polêmicas envolvendo declarações sobre a criminalização do nazismo, que provocaram críticas e uma investigação pela Procuradoria Geral da República, ele mudou sua filiação para o União Brasil.

Kataguiri é neto de imigrantes japoneses e cresceu em Indaiatuba. Ele se declara cristão anglicano e apoia a legalização da maconha e do casamento entre pessoas do mesmo sexo, mas é contra o aborto. Nas horas vagas, ele joga Dota 2 e transmite suas partidas ao vivo no Twitch. Sua trajetória é marcada por uma comunicação eficaz e uma presença significativa nas redes sociais, onde continua a promover suas ideias liberais e a influenciar o debate político no Brasil.

A análise dos dados do Twitter de Kim Kataguiri

A análise dos dados do Twitter de Kim Kataguiri revela informações detalhadas sobre sua atividade e engajamento na plataforma. Seu perfil, identificado pelo handle @KimKataguiri, e conta com 649.123 seguidores. Desde sua entrada no Twitter em 9 de junho de 2013, ele postou um total de 17.911 tweets, segue 831 contas e é listado em 1.164 listas. Seu perfil, que se descreve como "Otaku, gamer e deputado", é caracterizado por uma alta taxa de atividade e engajamento.

Entre 1º de janeiro de 2022 e 28 de setembro de 2022, foram analisados 1.828 tweets, com uma média de 6,75 tweets por dia. Desses, 527 (28,83%) são retweets, e 1.164 (63,68%) são tweets retweetados por outros, resultando em um total de 84.864 retweets (média de 72,91 por tweet retweetado). Além disso, 71,06% de seus tweets receberam favoritos, totalizando 1.198.796 favoritos, com uma média de 922,86 favoritos por tweet favoritado. Kim também interage com outros usuários, realizando 486 menções (média de 0,27 menções por tweet) e 345 respostas (18,87% dos tweets). Ele utiliza links em 547 tweets (média de 0,3 links por tweet) e, embora o uso de hashtags seja limitado, com apenas 18 hashtags no período analisado, destaca-se seu conteúdo crítico e promocional.

O engajamento de Kim Kataguiri é elevado, com seus tweets sendo amplamente retweetados e favoritados, demonstrando uma boa conexão com seu público. A interação com outros usuários é ativa, refletida pelo número considerável de menções e respostas, enquanto o uso de links ajuda a ampliar o alcance de suas postagens. Embora o uso de hashtags seja raro, as poucas hashtags usadas por Kim tendem a refletir críticas políticas e temas de interesse pessoal. Seu histórico de tweets em 2022 mostra uma variação ao longo dos meses, com picos de atividade em fevereiro e setembro, possivelmente devido a eventos específicos nesse período. Kim retweeta com frequência contas ligadas ao Movimento Brasil Livre (MBL), reforçando sua ligação com o movimento e seus membros.

As interações de Kim nas respostas revelam um padrão de auto-engajamento, com a maior parte de suas respostas sendo destinadas a si mesmo, seguido por interações frequentes com membros do MBL e influenciadores diversos, como @monark e @BadVibesMemes. No que diz respeito às menções, ele mantém uma forte conexão com colegas do MBL, mas também busca diversificar seu público ao interagir com influenciadores e figuras públicas fora do ambiente político. Entre as hashtags mais usadas, há uma ênfase em críticas políticas, como #nikolasarregao e #abreascontasbolsolula, enquanto outras hashtags são utilizadas para promover participações em eventos e temas de interesse pessoal.

Um dos tweets mais retweetados de Kim, postado em 28 de janeiro de 2022, é um desafio a Lula e Bolsonaro sobre a transparência de suas contas, recebendo 1.069 retweets e 6.488 favoritos. O conteúdo do tweet critica figuras políticas de destaque, combinando críticas tanto a Lula quanto a Bolsonaro, o que parece ressoar fortemente com seu público, como mostram os números de engajamento. Um segundo tweet, postado em 19 de janeiro de 2022, é uma crítica contundente a Lula, destacando os escândalos do Mensalão e Petrolão, e também teve um bom alcance com 1.005 retweets e 6.493 favoritos. Ambos os tweets refletem a estratégia de Kim de focar em temas políticos polêmicos, usando uma retórica forte para atrair a atenção de seus seguidores.

Além de suas postagens políticas, Kim também se engaja em temas globais, como demonstrado em um tweet de 24 de fevereiro de 2022, no qual comenta sobre a guerra na Ucrânia. Esse tweet, que mostra um pai se despedindo da filha em meio à invasão russa, teve 856 retweets e 7.798 favoritos, mostrando que ele também aborda questões internacionais que podem gerar empatia entre seus seguidores.

No contexto político e social, Kim Kataguiri aproveita as discussões sobre corrupção e transparência, temas centrais no cenário político brasileiro, principalmente no que diz respeito às figuras de Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva. Seu discurso crítico e polarizador reflete um posicionamento estratégico em relação às eleições presidenciais de 2022, que estavam marcadas por uma intensa polarização entre os apoiadores de Bolsonaro e Lula. Combinando críticas a ambos, Kim tenta se apresentar como uma alternativa crítica a esses dois polos. Além disso, ele utiliza referências a escândalos como as "rachadinhas", envolvendo Fabrício Queiroz e a família Bolsonaro, para reforçar seu discurso de transparência.

Em resumo, a presença de Kim Kataguiri no Twitter reflete uma estratégia de comunicação focada na crítica política, promoção de transparência e engajamento ativo com o público e influenciadores. Seus tweets críticos a figuras políticas e suas interações com outros usuários mostram uma abordagem que busca fortalecer sua imagem como uma voz crítica e independente no cenário político brasileiro.

O IMPACTO DE TIA PIKACHU NAS MANIFESTAÇÕES E NA POLÍTICA CHILENA

Em setembro de 2019, um incidente aparentemente trivial com uma fantasia de Pikachu desencadeou um fenômeno político no Chile que reverberou muito além das manifestações de rua. A história de Giovanna Grandón, conhecida como Tia Pikachu, ilustra como uma figura aparentemente casual pode se transformar em um ícone de mudança social e política. O envolvimento de Tia Pikachu nas manifestações de outubro de 2019 e sua subsequente jornada para a política revelam um retrato vívido da crise social e política que o Chile enfrentava. Esta trajetória culminou na eleição para a Convenção Constitucional, um esforço para redigir uma nova Constituição após a rejeição da proposta inicial em um referendo, como citado anteriormente. A análise desse processo, desde a origem de Tia Pikachu até a dinâmica da Convenção Constitucional e o surgimento da Lista do Povo, oferece uma visão abrangente das complexidades e desafios enfrentados pelo Chile na busca por uma reforma constitucional significativa.

O filho de 7 anos de Giovanna Grandón, pegou o celular do pai e fez compras sem limites no AliExpress, gastando cerca de 600 mil pesos chilenos (aproximadamente 800 dólares) em 7 de setembro. Entre os itens adquiridos estava uma fantasia inflável de Pikachu, que Grandón inicialmente guardou para o Halloween. Contudo, com a eclosão dos protestos contra o aumento do transporte público em outubro de 2019, ela decidiu usar a fantasia em uma manifestação no dia 25.

Durante a marcha Grandón começou a pular ao ritmo de "Dance Pikachu", que os manifestantes cantavam ao seu redor. Em um momento, ela tropeçou e caiu, mas se levantou rapidamente e continuou dançando. A cena foi capturada por diversos celulares e viralizou nas redes sociais, acumulando milhões de visualizações no Twitter e no YouTube. Assim, Tia Pikachu se tornou

um símbolo do protesto social, com sua imagem sendo replicada até em manifestações na França.

O apoio social que Grandón recebeu, aliado ao descontentamento com os partidos políticos tradicionais e à crise econômico-social que o Chile enfrentava, a motivou a se envolver na política. Ela decidiu participar da elaboração de uma nova Constituição para substituir a atual, escrita durante a ditadura de Augusto Pinochet em 1980. No Chile, "Tia" é um termo carinhoso usado para se referir às professoras de jardim de infância. Grandón trabalhou por 15 anos como professora e depois por sete anos como motorista de ônibus escolar. Com a pandemia e a suspensão das aulas presenciais, ela se reinventou, vendendo e distribuindo produtos como frutas e mel. Sem interesse prévio pela política e sem estudos universitários, ela se dedicou intensamente para sustentar sua família, que inclui quatro filhos e dois netos.

Antes de sua fama como Tia Pikachu, Grandón e sua família planejavam se mudar para Piriápolis, no Uruguai. No entanto, a crise social alterou seus planos, levando-a a permanecer no Chile e lutar pelas mudanças que acreditava serem necessárias. Durante os protestos, Grandón enfrentou diversas adversidades, como prisão, denúncia criminal, repulsão por caminhões de bombeiros e até mesmo uma bala no pé. Ela usou sete fantasias de Pikachu, pois os produtos químicos dos caminhões de hidrante deterioravam o tecido. Seus seguidores lhe forneceram novos trajes e máscaras de gás para que pudesse continuar participando das manifestações. Sua popularidade a levou a ser convidada para marchas em todo o país, incluindo regiões distantes como Chiloé.

Vários partidos que se abriram a incluir candidatos independentes convidaram Tia Pikachu, mas ela preferiu unir-se à Lista do Povo, um grupo de cidadãos que lançou sua candidatura à Constituinte à margem da política tradicional, graças ao apoio de pessoas comuns. Ela optou por não aceitar o apoio de partidos políticos, preferindo manter sua independência e permitir que o povo decidisse, e então, foi eleita representante do Distrito 12 no sudeste de Santiago, declarando que seu objetivo era benefícios para todos em saúde, educação, pensões, serviços, alimentação e minerais.

Seu sucesso eleitoral reflete um desejo popular por mudanças e pela inclusão de vozes independentes no processo político. Sua história, que começou com uma pegadinha infantil, se transformou em um símbolo de luta e esperança para muitos chilenos. A crise da democracia representativa não é nova no Chile e explica, em parte, a alta taxa de abstenção nas eleições desde a implementação do voto voluntário em 2012.

Porém, em maio de 2022, apenas 36% acreditavam que a nova constituição teria um efeito positivo, uma queda em relação à pesquisa anterior. Num estudo do think tank independente Espacio Público-IPSOS em julho de 2022, 38% dos entrevistados acreditavam que a nova constituição traria várias mudanças negativas, enquanto 23% achavam que traria mudanças positivas. Dúvidas sobre a representatividade dos membros da Convenção Constitucional podem ter levado à sua rejeição, com 59% dos entrevistados considerando que a composição da Convenção não era uma boa representação da diversidade chilena e 63% não se sentindo representados pela Convenção.

E, como apresentado anteriormente, a proposta da Nova Constituição foi rejeitada. Então, em 2023 foi elaborada uma nova Constituição e esta foi finalmente aprovada, focando em direitos sociais, proteção ambiental, participação cidadã e descentralização do poder.

Desde sua participação na elaboração da nova Constituição chilena, Giovanna Grandón tem continuado a desempenhar um papel significativo no cenário político e social do Chile. Após o encerramento da Convenção Constitucional em julho de 2022 e a subsequente rejeição da proposta de nova Constituição em setembro do mesmo ano, Grandón enfrentou uma série de desafios e mudanças.

Apesar da rejeição da proposta, Grandón permaneceu uma voz ativa em debates sobre o futuro do processo constitucional e questões de reforma política e social. Ela continuou a defender causas relacionadas à justiça social e inclusão, refletindo seu compromisso com as questões que inicialmente a motivaram a entrar na política. Sua figura continua a ser um símbolo de resistência e mudança para muitos chilenos. Sua trajetória reflete um profundo compromisso com a justiça social e as reformas necessárias, mesmo diante dos obstáculos que surgiram desde sua ascensão política.

Análise do Twitter Tia Pikachu

Durante o período de 3 de janeiro de 2021 a 11 de julho de 2022, Giovanna Grandón, conhecida no Twitter como @TiaPikachu, compartilhou uma série de tweets que refletem uma ampla gama de temas políticos e sociais. Sua atividade no Twitter foi particularmente focada em temas relacionados à nova Constituição do Chile, questões de justiça social e políticas de governo.

Entre os tweets que receberam maior número de retweets, destaca-se um post de 9 de julho de 2022, que foi um retweet de @DMatamala. Este tweet, que alcançou 5.090 retweets e 7.508

favoritos, abordou as demandas da Isapre Colmena contra afiliados que se queixavam do aumento dos planos de saúde. A Isapre Colmena é uma instituição de saúde previsional no Chile, e o tweet expôs uma questão sensível sobre a saúde privada e pública, refletindo a inquietação com a acessibilidade e os direitos dos consumidores.

Outro tweet relevante foi o de 22 de maio de 2022, que teve 1.647 retweets e 5.210 favoritos. Este tweet expressou apoio à nova Constituição do Chile, um tema de grande importância no período analisado, dada a reformulação constitucional em curso no país. Além disso, o tweet de 19 de julho de 2021, que comemorou o triunfo do povo em novembro, obteve 463 retweets e 1.470 favoritos, mostrando o apoio às vitórias populares em um contexto de intensa polarização política.

No que diz respeito aos tweets com o maior número de favoritos, destaca-se uma resposta de 10 de junho de 2022, que teve 14.199 favoritos. Neste tweet, Grandón respondeu a @albertoplaza, um conhecido cantor chileno, com uma mensagem amigável e pessoal. Embora não fosse de caráter político, este tweet ilustra a interação social e a natureza pessoal das redes sociais, mostrando como figuras públicas mantêm relacionamentos amistosos online.

Além disso, em 19 de abril de 2022, um retweet de @Tj_Toro9 recebeu 3.167 favoritos. Esse tweet criticava a desconexão dos políticos em relação às realidades econômicas cotidianas, um tema relevante em um período de turbulência política e econômica no Chile. Outro tweet notável, de 12 de abril de 2022, obteve 3.378 favoritos e defendia a nova Constituição, refletindo o entusiasmo e o apoio ao processo constitucional em andamento.

Os temas predominantes nos tweets de Giovanna Grandón incluem apoio à nova Constituição, questões de saúde e direitos, e debates políticos e sociais. A maioria de seus tweets foi compartilhada através do Twitter for iPhone e Twitter Web App, indicando que esses são os principais dispositivos utilizados para suas postagens. Tweets que tratam de temas de grande relevância social e política tendem a receber mais engajamento, refletindo uma resposta ativa da comunidade às questões levantadas e aos eventos políticos.

Esses dados mostram como os tweets de Grandón abordam temas cruciais para a sociedade chilena, desde questões de justiça social e saúde até debates políticos e eleições, destacando seu papel ativo na discussão pública durante o período analisado.

DR. LAGOMARSINO: DE UM LÍDER ESTUDANTIL À PARLAMENTAR

Tomás Ignacio Lagomarsino Guzmán nasceu em 13 de julho de 1990, em Santiago, Chile, mas viveu toda sua vida em Viña del Mar. Filho de Anna Lagomarsino Cámara e Juan Guzmán Harboe, é solteiro e sem filhos. Estudou o ensino fundamental na Scuola Italiana de Valparaíso e na Escola José Manuel Balmaceda de Viña del Mar, concluindo o ensino médio na Escola Rubén Castro em 2008. Ingressou na faculdade de Medicina da Universidade de Valparaíso, formando-se cirurgião em 2016.

Ao longo de sua carreira profissional, atuou principalmente na atenção primária à saúde, nos Centros de Saúde da Família Marco Maldonado e Las Torres de Viña del Mar (Cesfam). Também trabalhou no Abrigo Municipal e no Hospital Dr. Gustavo Fricke de Viña del Mar, além de ser professor na Faculdade de Saúde da Universidade de Playa Ancha (Valparaíso). Durante seus anos universitários, teve uma carreira social marcante, criando o Pré-Universitário Solidário UV e organizando outras iniciativas, como o "Hospital Teddy Bear", além de realizar operações de saúde em zonas rurais. Após se formar, continuou atendendo pessoas sem acesso à saúde, ganhando o apelido de "Médico do Povo".

Na política, Lagomarsino iniciou sua trajetória como líder estudantil, presidindo a Federação Nacional dos Estudantes de Medicina e representando o país em eventos nacionais e internacionais. Em 2013, fundou e presidiu a Fundação Equidad Chile, que incentivava a participação da sociedade civil em projetos como a Lei Ricarte Soto, que é uma legislação que estabelece um sistema de proteção financeira para o tratamento de doenças de alto custo. Ele também se destacou como porta-voz da Mesa Redonda Social pelo Direito à Saúde e como coordenador da Mesa Redonda Temática do Senado sobre o Direito à Saúde, além de ser um crítico ativo contra o TPP.

Sua primeira incursão eleitoral ocorreu quando se candidatou como independente à Convenção Constitucional em 2021, pelo 7º Distrito de Valparaíso. Embora tenha recebido 12.611 votos, não foi eleito. Logo após, registrou sua candidatura à Câmara dos Deputados, também pelo 7º Distrito, desta vez na cota do Partido Radical, dentro da coligação Novo Pacto Social. Ele foi eleito com a primeira maioria, somando 26.379 votos.

Como parlamentar, desde 11 de março de 2022, ele foi membro de várias comissões, incluindo as comissões permanentes de Saúde, Direitos Humanos, Povos Indígenas, e Ciência e Tecnologia, tendo presidido algumas delas. Além disso, presidiu o grupo interparlamentar

chileno-dinamarquês e chileno-coreano. Em julho de 2022, concorreu à Primeira Vice-Presidência Nacional do Partido Radical, mas não foi eleito.

Em seu mandato, Lagomarsino apresentou diversas propostas, especialmente voltadas para a saúde, como o aumento do orçamento da Lei Ricarte Soto e a reforma do sistema de licenças médicas. Sua trajetória política foi marcada por seu compromisso com a saúde pública e por seu papel de destaque nas discussões em torno de uma nova Constituição. Apesar das críticas internas à sua participação em reuniões com a oposição, ele defendeu a necessidade de diálogo, mantendo sua lealdade ao governo.

Lagomarsino continua a ser uma figura relevante no cenário político chileno, com uma atuação focada em garantir acesso efetivo à saúde e em evitar que as pessoas precisem recorrer a dívidas ou à caridade para obter atendimento médico. Sua carreira reflete uma combinação de formação médica sólida e engajamento social e político, o que o torna um jovem parlamentar com impacto significativo no Chile.

Análise do Twitter Lagomarsino

Os dados fornecidos abrangem tweets de Dr. Lagormasino entre 14 de novembro de 2013 e 5 de julho de 2022. Durante esse período, foram registrados 5 tweets originais e 15 retweets, o que revela que o Dr. Lagormasino utiliza a plataforma principalmente para amplificar mensagens de outros usuários.

Em termos de envolvimento dos usuários, o tweet com o maior número de retweets foi publicado em 14 de novembro de 2013, quando ele compartilhou um tweet de Barack Obama sobre a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo no Havaí. Esse retweet teve 12.486 compartilhamentos. O contexto desse tweet reflete um marco importante para os direitos LGBTQ+ nos EUA, pois o Havaí se tornou o 15º estado a legalizar o casamento igualitário após a aprovação da "Hawaii Marriage Equality Act" em novembro de 2013. Esse fato ocorreu em meio a um contexto mais amplo de mudanças nos direitos LGBTQ+ nos EUA, incluindo a decisão do Supremo Tribunal no caso United States v. Windsor, que derrubou partes da Lei de Defesa do Casamento (DOMA).

Por outro lado, o tweet com o menor número de retweets foi em 8 de agosto de 2014, quando ele compartilhou uma mensagem da OMS sobre o surto de Ebola na África Ocidental, com 998 retweets. Esse tweet se referia ao surto de Ebola, que afetou gravemente a Guiné, Libéria e

Serra Leoa. Nesse contexto, a OMS declarou o surto uma Emergência de Saúde Pública de Preocupação Internacional, mobilizando uma resposta global para conter a propagação do vírus, enquanto as comunidades locais sofriam com as dificuldades sociais e estigmatização relacionadas à doença.

Em termos de favoritos, o tweet de 14 de novembro de 2013 sobre o casamento igualitário também foi o mais favoritado, com 10.040 favoritos. Já o tweet de 8 de agosto de 2014, sobre o Ebola, teve apenas 1 favorito.

Os temas abordados nos tweets do Dr. Lagormasino são variados. Ele discute temas relacionados à saúde pública, como a pandemia de COVID-19, doações de sangue e a situação de hospitais. Também aborda questões políticas e de justiça, comentando sobre a situação no Chile, fraudes fiscais e a Lei Nacional do Câncer. Além disso, fala sobre crises internacionais, como o surto de Ebola e políticas de casamento igualitário.

Observando a análise temporal, houve períodos de maior atividade em 2019 e 2020, especialmente com relação a eventos políticos e emergências de saúde. Durante a pandemia de 2020 e 2021, os tweets relacionados à resposta de saúde pública ganharam destaque. Quanto às plataformas utilizadas, Dr. Lagormasino parece preferir dispositivos móveis, com a maioria dos tweets feitos pelo Twitter for iPhone, seguido pelo Twitter Web App.

Concluindo, Dr. Lagormasino utiliza o Twitter predominantemente para retweets, especialmente em temas relacionados à saúde pública, política e eventos globais. Seus tweets originais refletem seu interesse em questões sociais e de saúde, e os tweets que tratam de temas críticos, como igualdade no casamento e emergências de saúde, tendem a gerar maior envolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise de representação política no Brasil e no Chile, intensificada nos últimos anos, revelou profundas falhas nas estruturas políticas tradicionais, levando ao surgimento de novas lideranças que exploram o descontentamento popular para se consolidar. Esse fenômeno foi catalisado por uma série de fatores, como a corrupção, crises econômicas, escândalos políticos e uma crescente percepção de ineficácia das instituições democráticas em responder às necessidades da população. Nesse cenário, as redes sociais emergiram como uma ferramenta

central de comunicação e mobilização, tanto para os cidadãos quanto para os líderes políticos que desafiam o status quo.

A análise realizada neste trabalho mostra como figuras no Brasil e no Chile utilizaram as redes sociais para construir suas trajetórias políticas e fortalecer suas conexões com o público, representando uma nova geração de líderes digitais. Essas plataformas, que substituíram os meios tradicionais de comunicação política, proporcionaram a esses políticos um canal direto e dinâmico para engajar seus seguidores, articular discursos polarizados e promover mobilizações. Através de estratégias cuidadosamente adaptadas ao ambiente digital, esses líderes capturaram a insatisfação generalizada com as instituições políticas, utilizando eventos polêmicos e crises para amplificar sua visibilidade.

Os dados de Twitter analisados reforçam a ideia de que o impacto dessas lideranças é altamente dependente da capacidade de navegar as redes sociais de forma estratégica, explorando temas que ressoam profundamente entre seus eleitores. Zambelli, por exemplo, conseguiu consolidar seu papel como uma das principais vozes da direita conservadora no Brasil, enquanto Lagomarsino emergiu como um porta-voz das demandas populares por justiça social no Chile. Ambos se beneficiaram do clima de desconfiança e descrença nas instituições tradicionais, mobilizando segmentos significativos da população em torno de suas propostas e críticas ao sistema.

Essa mudança no perfil das lideranças políticas reflete um fenômeno mais amplo, em que a política digital se tornou uma força poderosa na reconfiguração dos processos democráticos e na formação de novos tipos de representatividade. A crise das instituições tradicionais abriu espaço para políticos que conseguem se adaptar rapidamente ao ambiente digital, utilizando as redes sociais para transformar o descontentamento em apoio político. No entanto, essa nova forma de atuação política, embora eficaz na mobilização, também levanta questões sobre a profundidade do compromisso dessas lideranças com a governança democrática e a solução dos problemas estruturais.

Assim, conclui-se que a ascensão de líderes digitais, como resposta à crise de representação, representa uma mudança significativa na política contemporânea no Brasil e no Chile. Embora as redes sociais tenham permitido que essas figuras alcançassem um público amplo e engajado, a solução para a crise democrática exige mais do que uma nova forma de comunicação. É necessário que essas lideranças não apenas representem uma ruptura com o sistema atual, mas

também proponham reformas estruturais capazes de restaurar a confiança nas instituições e atender às demandas por maior justiça social, transparência e governança eficaz. A política digital, por si só, não resolverá a crise de representação; ao contrário, pode intensificá-la se não for acompanhada por um compromisso genuíno com o fortalecimento das instituições democráticas e a inclusão de todos os setores da sociedade no processo político.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Helga N. *Representantes, representados e mídias sociais: mapeando mecanismos de agendamento informacional*. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Acesso em: 02 jun. 2024.

EL PAÍS. *Resultados del plebiscito constitucional en Chile: municipio a municipio*. 05 set. 2022. Disponível em: https://elpais.com/chile/2022-09-05/resultados-del-plebiscito-constitucional-en-chile-municipio-a-municipio.html. Acesso em: 07 ago. 2024.

FILOSOFIA UCHILE. *Chile despertó: lecturas desde la historia*. Disponível em: https://uchile.cl/dam/jcr:c1c55bfb-f142-4415-8b68-15fe01ab1eb0/chile-desperto769-lecturas-desde-la-historia.pdf. Acesso em: 09 maio 2024.

GONÇALVES, Maria de Souza. Análise dos protestos e movimentos sociais no Brasil: 2013-2019. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 280-290, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbeur/a/jvSZkqhbx4GH5Q5tvNkYgPG/?format=pdf&lang=en. Acesso em: 06 maio 2024.

GÓMEZ, Ana; GONZÁLEZ, Luis. El estallido social en Chile: una lectura desde el impacto en la representación política. *Revista de Ciencia Política*, Santiago, v. 40, n. 2, p. 1-20, 2020. Disponível em: https://www.scielo.cl/pdf/revcipol/2020nahead/0718-090X-revcipol-S0718-090X2020005000106.pdf. Acesso em: 06 maio 2024.

LATERCERA. *Plebiscito: Chile rechaza propuesta de nueva constitución*. Disponível em: https://www.latercera.com/politica/noticia/plebiscito-chile-rechaza-propuesta-de-nueva-constitucion/2LDNK3XR6RGN5FJRJ5IDLT74JM/. Acesso em: 12 maio 2024.

LATINOBARÓMETRO. *Série histórica 1995-2018*. 2018. Disponível em: https://www.latinobarometro.org/lat.jsp. Acesso em: 23 mar. 2021.

LA NACIÓN. *Reforma constitucional en Chile: la historia de la Tía Pikachu, de fenómeno viral a candidata*. 12 maio 2021. Disponível em: https://www.lanacion.com.ar/el-mundo/reforma-constitucional-en-chile-la-historia-de-la-tia-pikachu-de-fenomeno-viral-a-candidata-nid12052021/. Acesso em: 15 ago. 2024.

NUSO. *Chile: la política y la calle*. *Nueva Sociedad*, 2022. Disponível em: https://nuso.org/articulo/305-chile-la-politica-y-la-calle/. Acesso em: 14 jul. 2024.

PETREL UNB. *Chile, neoliberalismo e estallido social: existe saída para a crise?*. Disponível em: http://petrel.unb.br/destaques/180-chile-neoliberalismo-e-estallido-social-existe-saida-para-a-crise. Acesso em: 14 jun. 2024.

PENTEADO, Claudio Luis C.; LERNER, Celina. A direita na rede: mobilização online no impeachment de Dilma Rousseff. *Em Debate*, v. 10, n. 1, p. 12-24, abr. 2018. Acesso em: 14 ago. 2024.

SILVA, Joscimar. *Desconfiados, conectados e indignados: crise de representação e mídias digitais no Brasil, México e Peru*. Revista Debates, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 65-95, jan.-abr. 2022. Acesso em: 14 mar. 2024.

SILVA, Joscimar S. *Valores e crise de representação na América Latina: podemos antever um personalismo político*. Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais, v. 1, n. 25, p. 269-287, 2018. Acesso em: 07 mar. 2024.

TELLES, Helcimara S. *Corrupção, legitimidade democrática e protestos: o boom da direita na política nacional?*. Interesse Nacional, v. 8, p. 28-46, 2015. Acesso em: 04 abr. 2024.

TELLES, Helcimara S. *A crise política na ausência de política*. Em Debate, v. 8, p. 17-26, 2016. Acesso em: 01 maio 2024.